



Contos de Shavataky
Volume 1



Gontos de Gravataky

Volume 1

2025





Santos de Gravatahy

Volume 1

João Ricardo Bittencourt
(organizador)



2025

Apoio



Realização



Autor e Coordenador - A Saga de Gravatahy: João Ricardo Bittencourt

Organização: João Ricardo Bittencourt

Autores: Gisele Alvares Gonçalves, Jessica Lavis, Danilo Correa e João Ricardo Bittencourt

Avaliadores do Concurso: Caroline Tasso, Eduardo dos Santos Aliardi, Luciano Rodrigues, Maria Eduarda Bittencourt, Jeane Bordignon e João Ricardo Bittencourt:

Capa: João Ricardo Bittencourt com vetor Ahlan Tulastra by Vecteezy.com

Logo "A Saga de Gravatahy": Tobias Ulrich e Raíssa Scheeren

Projeto Gráfico: João Ricardo Bittencourt

Revisão: Maria Eduarda Bittencourt Machado

Diagramação: João Ricardo Bittencourt (usando Scribus 1.6.4)

Bordas e decoração de Marda Adiputra by Vecteezy.com

Projeto executado com recursos da Lei 14.399/2022 – Política Nacional Aldir Blanc, via Edital de Fomento da Prefeitura de Gravataí/2024.

A SAGA DE GRAVATAHY e SAGEN (Sistema Aberto de Geração de Narrativas) - 2025 foram criados e remixados por João Ricardo Bittencourt.

São licenciados sob Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0

International. Para ver uma cópia desta licença.

Visite <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt-br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Contos de Gravatahy [livro eletrônico] : volume 1 /
organização João Ricardo Bittencourt. --
1. ed. -- Gravataí, RS : Quintal de Criativos,
2025.
PDF

ISBN 978-65-987729-2-5

1. Ficção brasileira - Coletâneas 2. Jogos de
aventura 3. Jogos de fantasia 4. Jogos de
interpretação (RPG) I. Bittencourt, João Ricardo.

25-317739.0

CDD-808.83

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Coletâneas : Literatura 808.83

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



”quando o rio secar, os mortos
caminharão entre os vivos.”

Caribé, o Grande Líder dos Carijós



SUMÁRIO



PREFÁCIO.....	1
DANDARA - A GUERREIRA BANTU.....	7
<i>Gisele Alvares Gonçalves</i>	
O MENINO DE OURO.....	33
<i>Jessica Lavis</i>	
YURUPARI E OS SENHORES DO FEL.....	51
<i>Danilo Correa</i>	
SOB AS RAÍZES.....	75
<i>João Ricardo Bittencourt</i>	

PREFÁCIO



Desde os anos 90 foram lançados muitos livros de RPG históricos. Entretanto eu sentia falta de um que dialogasse diretamente com a história do Rio Grande do Sul e que pudesse impulsionar e gerar muitas histórias nas mais diferentes perspectivas, sem cair no lugar comum, no bairrismo ou na idolatria das tradições.

Foi dessa lacuna que nasceu A Saga de Gravatahy – um RPG criado com a intenção de despertar a imaginação histórica. Um mundo ficcional que explora aspectos históricos e das mitologias identitárias da cidade de Gravataí. O projeto está sendo realizado com recursos da Lei 14.399/2022 – Política Nacional Aldir Blanc, via edital público da Prefeitura de Gravataí.

Durante o projeto, depois do livro pronto pensei nesta possibilidade literária: *e se diferentes autores pudessem visitar o universo de Gravatahy e, com suas singularidades, inaugurassem percursos narrativos?* Isso gera algo muito potente e cooperativo, pois não estamos falando de um mundo imaginário preso em um único autor, mas admite uma diversidade narrativa que tende ao infinito!

No dia 15 de agosto de 2025 foi lançado o concurso para receber contos de Espada & Feitiçaria, de Faroeste Sombrio, de História Alternativa, de Realismo Mágico e Horror, principalmente folk horror. O principal? Uma coletânea para ser distribuída gratuitamente sem taxas ocultas de publicação como vemos por aí em muitas editoras que querem faturar em cima de taxas dos autores. Qualquer brasileiro acima de 14 anos pode enviar seu conto com até 5000 palavras, ambientado no universo lançado n'A Saga de Gravatahy. Há uma compreensão de que o RPG pode ser usado também na Escrita Criativa.

No dia 20 de setembro encerramos as submissões e iniciamos o processo de avaliação. Consideramos: criatividade e originalidade, qualidade narrativa, coerência com o universo de Gravatahy e adequação aos subgêneros. Infelizmente não tivemos muitas submissões, provavelmente porque falta essa cultura de cocriar, de imaginar de maneira compartilhada. A avaliação não foi visando selecionar, mas verificar a qualidade das submissões, ou seja, só seriam aceitos contos com nota superior à 8.

Deixo aqui meus agradecimentos ao time de avaliadores. **Caroline Tasso** é uma amante da literatura, produtora cultural e acadêmica do curso de Dança/UFRGS, ela coordena o projeto *Todos*

Corpos e é professora no Coletivo Múltiplos, que envolve dança inclusiva. **Eduardo dos Santos Aliardi** é formando em Artes Visuais, coordena o projeto *Rabiscando* e desenvolve um projeto sensacional de troca de livros em Gravataí e Cachoeirinha, ele compõe a equipe do projeto mestrando A Saga de Gravatahy nas escolas e espaços históricos-culturais. **Luciano Rodrigues** é mestre em Informática na Educação, autor do Guia do Educador e atua nas formações de professores sobre RPG e Educação e também mestra nos espaços da cidade. **Maria Eduarda Bittencourt** é jornalista e revisora do Guia do Educador, SAGEN e A Saga de Gravatahy. E a **Jeane Bordignon** é jornalista, escritora, artesã e residente em Gravataí. Seu mais recente trabalho é o livro de contos: *Pequenas Histórias*.

Eu, na condição de idealizador, também participei do processo avaliativo. Nós aceitamos os trabalhos incríveis, cada um trazendo muitas possibilidades ao universo de Gravatahy, inclusive convidando a gente a imaginar novas possibilidades.

A antologia a que vocês têm acesso agora é o volume 1 da edição 2025, pois temos planos de lançar novas edições anualmente. Abrimos esta, com o conto: *Dandara - A Guerreira Bantu*, de **Gisele Alvares Gonçalves**. Gisele é porto-alegrense, influenciadora cultural, revisora gramatical e

escritora de *romantásias*. Dedicase à divulgação de livros, séries e filmes nas redes sociais, em especial obras brasileiras, com o intuito de incentivar o consumo e produção de narrativas que falem sobre a nossa realidade e que reforcem a nossa identidade cultural. É formada em Técnico em Moda pelo SENAC – RS e em História pela UFRGS. Seu conto é uma história de Espada & Feitiçaria. Em meio à guerra e à resistência, nasce a história de Dandara, uma mulher especial, que carrega em si a força dos ancestrais e o poder do amor por Ayela e sua filha Dyame. Dandara é um conto de luta e liberdade, onde fé, memória e coragem se entrelaçam nas raízes da terra.

Em seguida, temos o conto de realismo mágico: "*O Menino de Ouro*", de **Jessica Lavis**. Nascida em Gravataí, Jessica possui formação nas ciências médicas e farmacêuticas, tendo artigos publicados em revistas acadêmicas internacionais. Sua experiência na pesquisa moldou um olhar analítico e curioso sobre o mundo — traço que agora se reflete em sua estreia na ficção, onde explora as fronteiras entre razão e imaginação.

Em *O Menino de Ouro* um menino mestiço chamado Aram parte, entre rios e ruínas, em busca de um lugar ao qual possa pertencer. É um conto sobre fé, solidão e esperança, um eco das origens de Gravatahy e dos sonhos que moldam a terra.

O terceiro conto é "*Yurupari e os Senhores do Fel*", de **Danilo Correa**. É uma mistura de gêneros em sua essência: um conto de Espada e Magia, mas com boas doses de Faroeste Sombrio e *Folk Horror*. Danilo é escritor decolonial de horror e fantasia urbana. Já teve contos publicados pelo Paranhana Literário, além de ter publicado "*Sob A Escuridão: Livro 1*", disponível em versão digital na Amazon. Já participou de palestras dos grupos *Lozemasters* e *Sarau Vamp* sobre literatura e cultura pop. Foi finalista da IV Odisseia Fantástica na categoria Horror Longo. "*Yurupari e os Senhores do Fel*" mostra uma Gravatahy marcada pela corrupção e pelo sofrimento e um ser ancestral que desperta para restaurar o equilíbrio entre os mundos. Uma história sobre poder, redenção e o preço das almas diante da escuridão.

Para fechar essa antologia, deixo minha contribuição com: **Sob as Raízes**, um conto *Folk Horror* com uma pitada da cruza do Faroeste Sombrio. Maria Antônia é uma Guarani missioneira que, entre o luto e o mistério, enfrenta a mata que sussurra seu nome e esconde segredos antigos. É uma jornada pelas sombras da fé, da memória e da ancestralidade, onde o medo se confunde com o chamado da própria mata.

Sou nascido e criado em Gravataí. Sou doutor em Comunicação, Mestre em Ciência da

Computação. Especialista em Cinema e Linguagem Audiovisual. Analista de Sistemas e atual acadêmico do curso de Filosofia. Atuo como professor e coordenador no curso de Jogos Digitais da Unisinos e pesquiso jogos desde 1999. Sou fundador do Quintal de Criativos.

Tive meus contos publicados no Multiverso Pulp: Espada e Feitiçaria (AVEC, 2020); Antologia: Contos Secretos do Além-Mundo (ETL, 2022); Necrópole (Carnage, 2022); além da coletânea de mini-contos lançada independentemente: Luz Negra (2022). Publico livros de RPG no mercado internacional pelo Pytanga Estúdio. Sou apaixonado em criar mundos imaginários desde meus oito anos de idade. Desde a década de 90 sou jogador e mestre de RPG.

Espero que você goste desse passeio pelos multiversos d'A Saga de Gravatah e que ele inspire novas histórias. Também desejo que você e seus amigos vivam boas experiências narrativas nesse mundo e que, nos próximos anos, nos contem novas histórias.

E como diria Caribé, o grande líder carijó: *se o rio secar, os mortos caminharão entre os vivos!*

Uma ótima leitura!

João Ricardo Bittencourt

DANDARA - A GUERREIRA BANTU

Gisele Alvares Gonçalves



Gravatahy, 12 de setembro de 1753. Dandara era bela. Sua aura exalava confiança e atraía todos ao seu redor. Vê-la à distância, enquanto treinava os jovens Nguzu do quilombo, enchia o coração de Ayela de uma emoção indecifrável, uma mistura de amor e admiração que jamais pensou antes que poderia existir fora das histórias que contava. Ela era uma líder nata, inquieta e carismática. Ela era bela, e era sua esposa.

Mesmo depois de tanto tempo de casadas, Ayela ainda suspirava quando a via. Ali, exibindo seus músculos enquanto ensinava a Dança de Guerra aos novos guerreiros, Dandara jamais poderia saber que atizava em sua amada uma chama ancestral, primitiva e sagrada, que somente poderia ser saciada na cama. Cada trejeito dela, cada sorriso era especial. Ayela até se esquecia de ler o livro antigo de mitos que tinha em mãos. Qual arte, afinal de contas, poderia superar a paixão que possuíam?

As lendas eram ótimas fontes de inspiração para a Contadora de Histórias, mas nunca melhores do que a realidade mágica do amor que vivenciava com Dandara.

Mais adiante, as crianças brincavam sob o sol, improvisando brinquedos com pedaços de madeira, folhas e frutos dos gravatás. Dentre elas, uma menina se destacava por ter uma feição diferente das outras: seus cabelos negros e lisos exibiam o orgulho de ser uma Descendente de Caribé, mas a pele clara e os traços de seu rosto não negavam o sangue de sua mãe, uma invasora há muito tempo vencida por Dandara. Dyame não sabia disso, mas essa origem sombria quase fez com que Seu Maneca, o líder do quilombo, não aceitasse sua presença naquela comunidade. Foram necessárias muitas conversas e argumentações para que ele percebesse que a criança não podia ser responsabilizada por sua ascendência materna. Tudo o que a menina sabia é que Dandara e Ayela eram suas mães, e ela as amava com todo seu coração infantil.

Dyame era esperta e agitada, e admirava tanto Dandara que pegava os galhos mais grossos para fingir que eram seus bastões de guerra nas brincadeiras. Ela observava a mãe de longe e a imitava, o que a levava a se desequilibrar às vezes, mas ela caía e já se levantava, sem se importar com

as roupas sujas de lama. Inquieta como a guerreira, não conseguia ficar sentada por muito tempo, nem mesmo para ouvir as histórias de Ayela. Ainda assim, a garota era todo o coração da Contadora de Histórias, e vê-la de longe em suas estripulias apenas fazia crescer a ternura que por ela sentia.

A tarde seguia preguiçosa, impregnada daquele regozijo que somente os livres poderiam sentir. No entanto, tal enlevo foi logo quebrado, quando os espíritos dos mortos novamente acercaram-se da Contadora de Histórias, sussurrando em seus ouvidos os nomes daqueles marcados para morrer:

— Ayela; Dyame.

Não! Não era possível... Não Dyame. Ayela não temia a própria morte, pois considerava que já havia vivido de tudo, tanto os sonhos quanto os pesadelos: fora escrava, apanhara no tronco, libertara-se e conhecera o amor. Não havia delícia ou fel que não houvesse provado. A morte de Dyame, no entanto, uma menina tão nova e ainda cheia de vida, isso não podia aceitar! Parecia antiético da parte dos deuses arrancar uma flor pela raiz, quando ela ainda não havia florescido. A Contadora de Histórias não se importava de partir, se essa fosse a vontade divina, porém moveria os céus e o inferno para salvar a sua filha! O limite do possível, afinal de contas, não passava de um

detalhe quando uma mãe precisava defender a sua prole.

Algo estava por acontecer, Ayela podia sentir em seu coração. Uma vibração estranha dominava os ares, e até os ventos pararam de soprar, como se o mundo inteiro estivesse segurando a respiração. De repente, então, o barulho de cascos de cavalos ao chão atravessou seus ouvidos, e a terra estremeceu, despertando a atenção de todos os moradores do quilombo. Não demorou muito para que um grupo de cavaleiros invasores pudesse ser visto chegando pela estrada, atacando os animais com suas esporas pela pressa da usurpação.

— Ayela, toma conta das crianças! — gritou Dandara, quando o caos se instalara no quilombo.

Os guerreiros já se preparavam para a defesa, enquanto os mais velhos gritavam e corriam desvairados. O pânico tomava conta do lugar, porém Ayela não podia falhar! Sendo assim, ergueu a barra do vestido e correu em direção às crianças, organizando-as e conduzindo-as para a casa que funcionava como escola da comunidade. De lá ela poderia proteger melhor os pequenos, enquanto observava pelas frestas da madeira a sua amada liderando o combate.

Dandara, por sua vez, não poderia se preocupar se Ayela e Dyame estavam a salvo, pois

tudo o que deveria ocupar sua concentração era a batalha e a organização de seus guerreiros. Todos já estavam a postos, conforme ela havia ensinado, dando-lhe orgulho por sua postura e disciplina. Todos estavam rijos e no controle de suas emoções, aguardando pacientemente a aproximação do inimigo.

Os invasores chegaram gritando e batendo nos cavalos, levantando poeira por onde passavam. Eles queriam intimidar a comunidade com seu alarido, porém os guerreiros quilombolas haviam sido treinados por Dandara e mantiveram uma frieza impassível.

— Mirai nos inimigos, não nos animais! — ordenou a guerreira, a voz íntegra de quem tem a coragem a pulsar por suas veias.

Logo os invasores estavam perto o suficiente para serem atacados, então os guerreiros Nguzu procuraram derrubá-los dos cavalos, batendo-lhes com os bastões de guerra. Alguns caíram, outros não, e o caos instalou-se no quilombo, enquanto a música dos brados e golpes marciais embalava a todos em seu ritmo frenético. Para acompanhar tal espetáculo, a Dança de Guerra era performada com maestria pelos africanos, que dominavam os próprios corpos em uma arte digna de admiração. No centro da cena estava Dandara, a maior das dançarinas, lutando

contra tantos inimigos ao mesmo tempo quanto era possível.

Ela girava no ar, chutava os torsos dos adversários, desarmava-os com o movimento de suas pernas. Sua força era comparável a dos deuses antigos, tanto que muitos se perguntavam se Dandara havia realizado um pacto com o Diabo. Homens com armas de fogo em mãos não conseguiam vencê-la, ainda que atirassem em outros guerreiros e, assim, ceifassem suas vidas. A Guerreira Bantu parecia ser imortal, porém era apenas uma humana com grandes habilidades para a guerra.

O sangue corria pelo chão, e alguns corpos já podiam ser contabilizados, tanto do lado dos invasores quanto dos quilombolas. Muitos amigos de Dandara pereceram, companheiros com quem havia sangrado ainda em cativeiro! Homens e mulheres com quem dividira suas angústias naqueles dias sombrios e depois comemorara a liberdade quando encontraram o Quilombo do Seu Maneca. A dor de perder aquelas almas irmãs ardia por suas veias, perfurava as suas vísceras como lâmina afiada. Ainda assim, a guerreira extravasava seu luto em forma de raiva, batendo nos inimigos e matando-os, garantindo tanto a defesa de seu povo quanto o foco durante a batalha. Ela não podia se deixar chorar! Se isso acontecesse, poderia não mais

parar e, destarte, tornar-se-ia um alvo fácil para seus adversários.

Seu grito ecoava pelo ar, inflamando os Nguzu a darem tudo de si durante o combate. A adrenalina corria por seu corpo, vazando pelos poros em forma de violência crua, mas organizada. Enquanto isso, Ayela a observava, agarrada a seus bastões de guerra e rezando aos deuses para que não precisasse usá-los. Como era difícil admitir que, se entrasse um invasor na escola que quisesse fazer mal às crianças, ela não estaria apta a defendê-las! Como lhe doía pensar no que poderia acontecer, caso suas habilidades de luta falhassem. E foi assim que, como se tivesse ouvido seus pensamentos, um homem sujo e de aparência esquelética entrou no recinto, apontando a sua garrucha para a Contadora de Histórias.

Ele ia atirar, sem sequer dizer uma palavra! Dessa forma, Ayela teve que lembrar das aulas de Dandara e ser mais rápida que ele, girando o braço a fim de desarmá-lo com os bastões. Sua tentativa foi um sucesso, porém o invasor agarrou-lhe os braços, imobilizando-a em desespero. Ela tentava se libertar, e ele torcia seus pulsos e a machucava, provocando um grito agudo a escapar de sua garganta. A dor lancinante atravessava cada um de seus músculos, porém seu maior medo não dizia respeito à própria vida, mas sim às crianças que

estavam sob sua responsabilidade, encolhidas contra a parede do outro lado da sala.

Foi então que, para total aflição de Ayela, Dyame levantou-se de onde estava e, com seus galhos improvisados em bastões de guerra, bateu nas costas do inimigo, levando-o a soltar a mãe pela surpresa. Foi apenas um segundo, mas o suficiente para que a Contadora de Histórias revertisse a situação! Aproveitando a oportunidade, ela atirou-se sobre o homem e colocou os bastões em seu pescoço, a fim de sufocá-lo. A força de seus braços, no entanto, não foi o bastante, e o inimigo livrou-se com facilidade da constrição, dando-lhe um soco tão forte que a mulher perdeu a consciência, caindo ao chão desmaiada.

* * *

Gravatahy, 12 de setembro de 1747

— Faz um pedido, amor! — exigiu Ayela, após a passagem da estrela cadente sob o céu constelado de Gravatahy.

— Sabes que não acredito nessas coisas, não é mesmo? — insistiu Dandara, ainda que sem qualquer gota de convicção.

Era engraçado, mas os olhos da guerreira pareciam refletir a lua e seus mistérios, ainda mais quando ela a mirava assim, com aquele misto de

desejo, graça e perigo. Para Ayela, Dandara sempre seria a charada que nunca decifraria, o enigma que nunca seria resolvido. Aquele segredo, no entanto, era a razão pela qual a Contadora de Histórias se jogava em seu abismo, entregando-se ao imprevisto sem qualquer garantia de sobrevivência. Dandara era tudo menos sua paz, ela era o caos disfarçado de emoção.

— Faz por mim, então! — Ayela fez manha, o que parecia sempre funcionar contra a guerreira durona. — Afinal, todo amor tem um pouco de magia, e o nosso tem de sobra.

— Está bem! — rendeu-se Dandara, revirando os olhos. — Então eu peço que... possas me contar mais uma história. Afinal de contas, foram as tuas fábulas que concretizaram o nosso amor.

Ayela enrubescou, mais por comoção do que por vergonha. Então era assim que Dandara a via? As fábulas que contava faziam parte de sua alma, representavam a sua própria identidade! Ser vista pelo que se é, e não por beleza passageira, sempre fora seu sonho romântico, porém jamais ousara acreditar que ele poderia se tornar real. Ali, no entanto, junto à sua amada, a Contadora de Histórias conseguia acreditar que até seus desejos mais loucos poderiam ser realizados, como sua vontade imensa de ser mãe.

— Tudo bem, eu te conto uma história — concordou ela, sentando-se no gramado e convidando Dandara a fazer o mesmo. — Há muito tempo, antes dos europeus chegarem ao Brasil, havia um povo admirável e muito importante que vivia em Gravatahy: eram os ancestrais dos Incas, cujas cidades de ouro ainda hoje atiçam a imaginação dos viajantes. Diz a lenda que há uma dessas cidades bem aqui, talvez sob o chão que nossos pés tocam, talvez sobre nossas cabeças. A verdade é que ninguém chegou a avistar tais ruínas misteriosas, e dizem até que elas mudam de lugar conforme querem atrair ou se afastar de alguém! Outros, mais sombrios e menos empáticos, juram que o sacrifício de uma criança que tenha sangue divino, satânico e humano correndo por suas veias pode abrir o portal para tal reino invisível. A verdade inquestionável, no entanto, é que todos que procuraram pela cidade dourada nunca mais foram vistos, ao menos não mais em sua versão carnal.

A lenda não impressionou mais Dandara do que os olhos estrelados de Ayela. Aquele jeitinho apaixonado dela, a emoção que transmitia ao contar uma história, o sorriso inocente de uma jovem cheia de sonhos e vida... Ah, aquilo era mais precioso para a guerreira do que mil louros em batalhas! Ayela era o seu contrário, ela era a luz que

iluminava sua escuridão, era as páginas abertas de um livro com final feliz. A garota era, em resumo, a alegria que dava sentido à sua existência, e por isso faria de tudo para protegê-la de qualquer mal. Longe de Ayela, nada existiria para ela, a não ser a morte.

Dandara olhou para os lábios carnudos de sua amada, abertos em um sorriso, recheados de paixão, e não pôde mais se conter! Aquele seria um beijo especial entre as duas, um beijo abençoado pelas estrelas, porém ele se extinguiu antes mesmo de acontecer: um barulho na mata deixou a guerreira em alerta. Ayela, por mais que lamentasse o momento perdido, sabia que a intuição de sua namorada não falhava, e incentivou-a a verificar o que estava acontecendo.

As duas foram, os bastões de guerra em mãos, furtivas como cobras cruzeiras quando querem dar o bote. Elas adentraram a mata, os corações aos saltos pelo medo do desconhecido, e caminharam até encontrar uma invasora deixando algum objeto ao pé de uma árvore. O sangue de Dandara ferveu, enquanto imaginava quais as perversas intenções daquela mulher! Estaria tentando esconder algo que havia furtado? Ou, de alguma forma, queria contaminar a vegetação ao redor do quilombo com Fel da Terra? Sendo uma invasora, bem é que não faria! Sendo assim, com o

intuito de proteger sua comunidade, a guerreira atacou antes de perguntar, batendo com seus bastões de guerra nas costas da mulher, enquanto ela ainda estava vulnerável.

A invasora se desequilibrou e caiu, mas logo se levantou, demonstrando habilidades para luta tão grandes quanto as de Dandara. Em punhos a mulher tinha uma faca e conseguiu fazer um corte na perna da Guerreira Bantu, o que a fez soltar um grito agudo de dor. A inimiga, no entanto, não contava com a presença de Ayela, e a Contadora de Histórias usou essa vantagem para desestabilizá-la, batendo nela com seus bastões. O pequeno desequilíbrio provocado na adversária foi o suficiente para que Dandara pulasse sobre ela e a estrangulasse com as próprias mãos, até que sua respiração parasse de vez.

O coração de Ayela pulsava com força, e sua mente rodava com tudo o que havia acontecido. Foi a primeira vez que ajudara Dandara a matar uma pessoa e ainda não sabia bem como se sentia em relação a isso, ainda mais vendo o rosto de sua amada, suado e impassível, como se nada demais houvesse acontecido. A Guerreira Bantu tinha por sina a morte alheia, aquela era sua vocação! Para a Contadora de Histórias, no entanto, a vida sempre fora sagrada, e vê-la encerrada sem motivo aparente causou um

desconforto imenso em sua alma, como se ela houvesse sido estrangulada junto com a invasora.

— Isso foi mesmo necessário? — Ayela perguntou, tentando controlar a hesitação em sua voz.

— Decerto que sim! — Foi a resposta de Dandara. — Eu vi que ela deixou algo ao pé daquela árvore, e tanto pode ser a prova de um crime, um objeto roubado, quanto algum recipiente com Fel da Terra. Lembra-te sempre, Ayela: invasores nada fazem além do mal, e é nosso dever impedi-los antes que consigam concretizar seus intentos.

Ayela ficou quieta. Não queria discutir com uma guerreira sobre os porquês de sua missão, mas achava um ato extremo matar uma pessoa porque ela depositou algum objeto perto de uma árvore. Talvez, se descobrisse do que se tratava, sua consciência ficasse mais tranquila! Sendo assim, aproximou-se com cuidado da dita árvore, porém o que encontrou lá não foi algo, mas sim alguém.

— Cuidado! — Gritou Dandara, temerosa pela vida de sua amada. — Podes te contaminar com o Fel da Terra!

— Duvido que este bebê me contaminaria com alguma coisa maléfica — respondeu-lhe a Contadora de Histórias, erguendo a pequena nos braços.

Foi somente no instante que Ayela pegou o bebê no colo que ela começou a chorar. Era tão bonita, com seus olhos azuis da cor do rio Gravatahy e os cabelos negros do tom da noite! E era bastante cabeluda, ainda que fosse uma recém-nascida. Dandara aproximou-se, ainda incerta sobre como agir diante de tal revelação.

— Temos que levar a criança ao Seu Maneca, pois ele saberá decidir um bom destino para ela — disse a guerreira, a voz seca, perturbada por saber que a menina era órfã por sua causa.

— Tens mesmo coragem de te apartar de uma menina tão bela? Vê bem este rostinho redondo, este narizinho vermelho e esta boquinha perfeita! Quando a olhas, não tens vontade de cuidar dela? Teus braços não anseiam por segurá-la e protegê-la do mundo para sempre?

Dandara não sabia o que dizer. Por toda sua vida evitou conectar-se com as pessoas, pois julgara que o amor poderia ser uma fraqueza a uma guerreira. Quando Ayela entrou na sua vida, no entanto, a paixão veio como uma força inquebrantável, arrastando-a rumo às delícias daquele sorriso mimoso e daquele jeitinho de garota sapeca. E agora, bastou olhar bem dentro dos olhos azuis e amendoados da criança, e tudo pareceu fazer sentido ao seu coração. Aquelas bochechas cor-de-rosa mexeram com um

sentimento que sequer sabia que possuía e do qual agora não podia mais se afastar. De alguma forma, aquela menina completava um vazio que sempre habitara a sua alma, e somente agora sabia reconhecer.

Aqueles olhos azuis, no entanto, que brilhavam com intensidade sobrenatural no escuro, por um segundo refletiram uma luz vermelha demoníaca, e tanto Dandara quanto Ayela entenderam o que aquilo significava: a mãe da criança era uma descendente satânica e passou seu legado para a filha. A bebê, portanto, possuía o sangue divino do pai, o legado infernal da mãe e ainda a origem terrena, o que a tornava uma triskele! Ela era o sacrifício perfeito para quem quisesse encontrar a cidade dourada das lendas e, por isso, sempre seria um alvo para os ambiciosos.

Mesmo sabendo dos riscos que a menina correria, no entanto, Dandara já se sentia apegada demais para não a assumir como sua filha. De alguma forma havia uma conexão entre elas, um fio vermelho que atava seus espíritos, ainda que seus corpos não tivessem qualquer relação genética. Desse modo, ela olhou para Ayela como se fizesse uma prece, mostrando-se vulnerável como nunca antes havia feito. A Contadora de Histórias entendeu o que aquele olhar dizia, então presenteou-lhe com um sorriso tão grande quanto a

felicidade que sentia no momento.

— Ela se chamará Dyame — comentou Ayela, olhando pela primeira vez para a bebê como uma mãe que admira a filha —, pois terá a força das águias e conseguirá alcançar grandes altitudes em sua vida.

— Dyame... — repetiu Dandara, absorvida pela beleza da pequena. — Sê bem-vinda à nossa família!

* * *

Gravatahy, 12 de setembro de 1753

A dor de cabeça só não era mais insuportável do que a sensação de se estar entre mundos. O despertar é um momento estranho — por alguns segundos misturamos o sonho com o real e não sabemos sequer onde estamos. Dessa forma, quando Ayela percebeu que ainda estava na escola, olhou pela fenda entre as tábuas e constatou que a batalha estava quase terminando, e que os guerreiros liderados por Dandara conseguiam escorraçar os invasores do quilombo. Quando tudo acabou, no entanto, ela não pôde ver alívio no rosto de sua amada, mas sim tormento, e diante disso correu para os braços da esposa, para oferecer-lhe o apoio de que necessitava.

— O que aconteceu? — Perguntou a

Contadora de Histórias, angustiada ao perceber que os olhos vidrados da guerreira não desviaram daquele ponto único que perseguiram, pelo qual sentiam um ódio mortal.

— Ele a levou, Ayela! — rosnou Dandara entredentes, como se fosse uma criatura animalésca que salivasse com sede de sangue. — Dyame... ele a levou consigo, na garupa de seu cavalo.

Ayela ouviu, mas o choque foi tão grande que, por alguns segundos, não assimilou. Isso não podia ser verdade! Maior desespero não poderia haver no coração de uma mãe do que a perda de sua prole. A Contadora de Histórias queria gritar, arranhar o próprio braço, atirar-se no chão e extravasar a sua dor! Seu corpo, no entanto, tremia tanto que não lhe permitia qualquer movimento, nem mesmo aqueles necessários à respiração.

Dandara, por sua vez, impulsiva e inquieta, não disse nada a mais antes de sair pela estrada em busca de Dyame. Ela sabia o que precisava fazer e sabia que cada segundo contava! O que ela não previu, no entanto, era que Ayela se apressaria para alcançá-la, pretendendo seguir junto à esposa no resgate de sua filha. Por medo de perder sua amada, a guerreira agarrou-a pelos ombros e a sacudiu, deixando que seu desespero falasse mais alto do que o seu raciocínio.

— Ficaste doida? — gritou Dandara com

tanta intensidade que banhou o rosto da parceira com saliva. — Não tens o treinamento necessário para enfrentar este inimigo! Eu o vi, Ayela, e não se trata de um simples invasor, mas de um feiticeiro de grande poder mágico. Deixa-me seguir sozinha, e prometo-te que antes do anoitecer estarás abraçando Dyame novamente.

— Desta vez não vais me convencer, Dandara. — Ayela bateu o pé, certa do que queria e do que estava disposta. — Não podes me obrigar a nada, não me trancarás em casa para me salvar de mim mesma. A escolha é minha, e ela já foi feita.

Dandara suspirou alto, compreendendo que Ayela estava certa ao defender seu poder de decisão. Dessa forma, ainda que um nó apertasse sua garganta, ainda que os olhos se enchessem de lágrimas e seu corpo inteiro parecesse desmoronar, a guerreira controlou seus temores e seguiu firme ao lado de sua esposa. Juntas, percorreram tantos quilômetros quanto havia estrelas no céu, até que perceberam aonde o rastro do feiticeiro as estava levando: logo chegariam ao morro do Itakumuni, um lugar conhecido por suas cavernas que, na verdade, nada mais eram do que portais para o inferno.

Ao perceber aonde a trilha à sua frente as levaria, Ayela hesitou. Ela sentiu como se seus pés fincassem no chão, e o medo foi tão intenso que

lágrimas vieram a seus olhos. Sua reação só não foi pior por conta do amor de Dandara, que imediatamente a ajudou a sentar sobre uma pedra e ali ficou ao lado dela, acariciando e beijando sua mão. A angústia de Ayela parecia vibrar no peito da guerreira em frequência triplicada, porquanto o seu desespero consistia em aplacar o dela.

— Nós vamos conseguir, Ayela! — A guerreira desejava passar toda sua confiança à esposa, a fim de que ela pudesse chegar ao fim daquela jornada, como tanto quisera quando saíram do quilombo. — Não há nada que, juntas, não possamos fazer.

Ayela achava curioso como, independente da situação em que estivesse, a voz de Dandara sempre conseguia acalmar seu coração. Aquele tom de voz, tão conhecido de sua alma, era melodia e força ao mesmo tempo, gravidade e carinho. A Contadora de Histórias, embebida nas palavras de sua esposa, sentiu uma coragem estranha, mas muito bem-vinda, nascer em seu peito e, com ela, levantou-se novamente e seguiu o seu caminho. Com aquela coragem, ela chegaria ao topo do morro para combater o vilão... e o faria com a força do amor que sua família lhe legava.

As mães de Dyame caminharam até chegar à última entrada de uma caverna escura e perigosa. O coração de Ayela batia como um tambor, como

uma música incessante e frenética que bombeava dentro de sua alma. Antes de entrar, as esposas se olharam e se deram as mãos, para então voltar sua atenção para o abismo. Por um segundo, o escuro dominou completamente suas visões, até que os primeiros archotes passaram a iluminar o caminho.

Quando chegaram à gruta, ao final do corredor, encontraram um altar de pedra para a realização de sacrifícios, onde Dyame estava amarrada e amordaçada. Atrás do altar, um homem de aparência cadavérica erguia uma adaga acima da cabeça e recitava as palavras fatídicas de seu ritual:

— Aceitai esta oferta, Senhor das Sete Camadas do Inferno! Aceitai esta alma pura e inocente, esta alma de luz que ainda não aprendeu a brilhar, a fim de que sirva de combustível para o pacto que será aqui realizado. Aceitai o sangue...

E mais ele não conseguiu dizer. Antes que percebesse, Dandara pulou e lhe chutou a boca, derrubando o feiticeiro ao chão. Ele, impassível, levou a mão aos lábios e sentiu o sangue que dali escorria, porém não ficou bravo ou temeroso... ao contrário, riu com escárnio da situação, levantou-se e disse à guerreira:

— Não duvidava que virias! Na verdade, desejava tua presença, para que testemunhes quando o sangue da tua filha correr por esta pedra. Aprecio o desafio que me impões e agradeço o

prazer de tua companhia neste momento tão importante da minha vida.

— Não vais agradecer por muito tempo! —
Dessa vez foi Ayela quem falou, enquanto vinha por trás e sufocava o feiticeiro com seus bastões.

Se a guerreira não conseguira tirar o inimigo do seu prumo, a pequena o inflamara com um ódio tamanho que o fez agir impulsivamente, atacando Dandara com uma bola de fel.

— Meu amor! — gritou Ayela, correndo para onde sua esposa havia caído.

— Não te distraias! — foi tudo o que deu tempo da guerreira dizer, antes que o feiticeiro tentasse atingir a Contadora de Histórias.

Ayela desviou bem a tempo e logo já partiu para a ofensiva. Dandara, por sua vez, estava angustiada e tentava se levantar a despeito de seu machucado, porém sem sucesso. A Contadora de Histórias estava com sangue nos olhos, estava agindo pelo caos e pela emoção, e tornava-se vulnerável por não conseguir planejar seus movimentos. No momento ela se sentia poderosa, mas sua adrenalina caíria, e seria neste momento que o adversário tomaria o controle do duelo.

Dandara tentava desesperadamente voltar à batalha... Quando finalmente conseguiu se erguer e pegar seus bastões de guerra, no entanto, era tarde demais: o feiticeiro lançou uma bola de fel

certeira no peito de Ayela, e ela caiu imediatamente contra as pedras, já sem vida. A guerreira gritou até ficar sem voz, o ódio tomando-lhe as entranhas, a desesperança profunda carcomendo-lhe as vísceras. A Contadora de Histórias ensinara-lhe a temperança e dera-lhe equilíbrio emocional, mas sem ela nada mais sobrava em seu ser, salvo a guerreira impetuosa. Foi com esse espírito, então, que Dandara avançou sobre o feiticeiro, sentindo seu coração ser dominado pelo sofrimento e pelo rancor.

A guerreira havia perdido o controle e, com ele, o raciocínio. Ela atacou o inimigo como se fosse uma fera bruta que se encontrava sob ameaça. Seus golpes eram intensos, atrozes e passionais, até que foi imobilizada pelo feiticeiro e nada mais pôde fazer, a não ser observar enquanto ele se aproximava de Dyame. Os gritos de Dandara foram todos em vão, pois o vilão ergueu novamente a adaga satânica e terminou seu ritual, dizendo assim:

— Aceitai o sangue a ser derramado, para que as portas invisíveis do reino dourado possam ser abertas, e para que se expanda teu domínio a outras dimensões.

Ao finalizar tais palavras, ele perfurou o peito de Dyame com a adaga, obrigando Dandara a assistir a tudo. Primeiro Ayela, agora sua filha...

A guerreira não sobreviveria a tamanho tormento! Ela não suportaria mais essa dor, e sentia já a lucidez a deixar-lhe lentamente, enquanto a loucura tomava o seu espírito. Tão ensandecida tornou-se que, em um ato bestial, conseguiu quebrar a imobilidade em que o feiticeiro a botara e correu a ele com vontades homicidas.

Dandara matou o inimigo com sua própria adaga e deleitou-se alguns minutos com o toque quente de seu sangue. Depois da euforia, no entanto, o silêncio pesou em sua mente, e em seus lábios brotou uma prece sentida:

— Sei que nunca fui um exemplo de santidade. Sei que já erreí muito e que tenho instintos agressivos, os quais nem sempre consigo domar. Ainda assim, se alguém estiver me ouvindo aí em cima, dá-me um sinal de luz! Mostra-me que meu sofrimento não é em vão, e que conseguirei um dia compreender tudo o que aconteceu hoje aqui, nesta caverna.

— Teu sofrimento não é em vão. — respondeu-lhe uma voz masculina, e Dandara voltou-se boquiaberta. Jamais pensou que algum deus poderia lhe responder! No entanto ali estava ele, vestindo uma túnica azul e um manto estrelado, estendendo-lhe os braços com tanto amor que foi impossível recusar-lhe um abraço. — Sou Ushan, o pai dos deuses, e vim para agradecer-te pelo que

fizeste hoje: este feiticeiro era um dos filhos mais queridos de Satã, e ainda traria muitos sofrimentos aos mortais. Dessa forma, por tua coragem e ousadia, convido-te a fazer parte do clã das estrelas, junto aos outros deuses do bem. Creio que poderias fazer mais pelo teu povo estando ao meu lado, do que aqui, perdida nessa terra de provas e expiações.

Dandara não soube o que dizer. Ela, uma deusa? Seria tão excepcional assim, a ponto de tornar-se divina? Por um momento a insegurança a imobilizou, porém logo o desejo de fazer o bem ao seu povo falou mais alto em seu espírito. Se fosse uma potestade, poderia lutar pelo fim da escravidão como não o faria sendo uma mortal! Além do mais, não havia nada que a prendesse ali, agora que havia perdido Ayela e Dyame para sempre. Sendo assim, inspirou fundo e olhou para Ushan, certa da resposta que lhe daria:

— Eu aceito teu convite. Faze-me uma deusa e terás ainda mais motivos para me deveres gratidão.

E foi assim que Dandara ascendeu ao clã das estrelas, junto a Ushan, para assumir seu manto sagrado. No passado ela vira o brilho dos astros nos olhos de Ayela, agora viveria entre as constelações que inspiraram a magia daquele amor. Agora seria ela quem comandaria as estrelas cadentes, a fim de que todos pudessem, um dia, realizar os desejos que

mais tocassem seus corações e que provassem um amor como o que ela sentiu pela Contadora de Histórias: não infinito, posto que é mortal, mas eterno enquanto a vida dura.

O MENINO DE OURO

Jessica Lavis



O velho tirou uma pá de sua carroça e disse ao menino que cavasse. Eles estavam enterrando a mamãe.

Bem, o menino estava, pelo menos. Ao perceber que o processo demoraria horas naquele ritmo, o homem arregaçou as mangas de sua batina surrada, tomou a pá do menino e se pôs a cavar em seu lugar. O sol ardia na cabeça do velho apenas protegida por ralos cabelos brancos e o menino podia sentir todos os anos de idade daquele homem pesando em seus suspiros a cada pá de terra retirada, como se o peso da terra fosse também o peso de uma vida inteira de responsabilidades.

O menino o conhecia desde sempre, fora retirado do útero por aquelas mãos que agora cavavam sua dor e dele também recebeu o nome de Aram. Era incomum que as crianças nascidas entre os padres jesuítas recebessem um nome nativo, mas o padre, na sua sabedoria proveniente de livros e da

vida, concordou que apenas a palavra "Aram", usada para descrever os raios solares, podia fazer jus àquela criança de cabelos dourados vinda de uma indígena e um invasor. Secretamente o padre desejou que aquele nome trouxesse sorte ao garoto, mas, dez anos depois, era evidente que isso não havia acontecido. A criança que ele viu crescer não era mais a luz radiante que o nome prometia, era uma sombra que se arrastava por entre os escombros da aldeia devastada, segurando a mãe ensanguentada em seus braços frágeis. O padre os resgatou, mas apenas o menino sobreviveu.

Quando finalmente a cova estava à uma profundidade decente, a dupla voltou para a carroça e até o cavalo, que estava pastando tranquilamente, parou para prestar sua solidariedade. Um corpo enrolado em trapos manchados de terra e sangue foi arrastado até o buraco, onde foi repousado da forma mais delicada possível, embora nenhuma das mãos fossem suaves o suficiente para aliviar o peso da dor que parecia transbordar em cada gesto. Após alguns segundos para recuperar o fôlego e permitir que Aram engolisse as lágrimas de contemplar aquela cena trágica, o padre lhe passou novamente a pá.

“Pegue isso, meu rapaz. Tu debes terminar sozinho, como manda a tradição.”

A voz do velho soou como um comando,

mas Aram sentiu uma dúvida apertar seu peito. A tradição era do homem ou de sua mãe? O menino já não sabia mais, pois os ritos e credos dos povos estavam tão misturados nesta altura que era difícil dizer. Os cantos ancestrais, as histórias que sua mãe contava, os ritos dos padres... tudo isso agora se confundia em sua mente como se fossem páginas de um livro rabiscado, sem começo nem fim, onde os significados se perdiam no vento. De todo modo, Aram fez o que lhe foi dito sem questionar e assim, terra sobre terra, sua mãe se foi.

“E agora?”

Foi a primeira vez que Aram falou desde que iniciaram aquela jornada há cerca de 2 dias, fugindo dos assentamentos conforme as tropas dos invasores avançavam destruindo tudo no caminho. O tom firme de sua voz surpreendeu o mais velho, que não esperava ver aquele menino, até então tão abalado, mostrar tamanha resiliência.

E agora? Era algo que nenhum deles tinha a resposta, apenas uma aposta, uma tentativa de fazer o que fosse necessário para sobreviver.

O padre não havia parado ali ao acaso, tendo vagado sem comida e água para que pudessem chegar ao rio Jacuí-Mirim. Não conhecendo aquela região, o menino apenas seguiu o padre quando ele se afastou da cova e adentrou a mata ao lado, permitindo-se um último olhar para o lugar onde

sua mãe descansava. Poucos metros à frente ele começou a escutar o som de água corrente e, sedento, ultrapassou o padre na sua corrida em direção ao rio. A água estava límpida e fresca quando Aram bebeu, um alento para seu corpo exausto. Sentiu-se renovado, como se aquele simples ato fosse um lembrete de que a vida ainda lhe oferecia algo, mesmo que fosse efêmero.

“O senhor não está com sede?” falou Aram ao ver que o padre não havia se juntado a ele.

Logo atrás, o homem tinha em suas mãos uma porção de frutas silvestres coletadas das árvores. Mas ele também não estava comendo, sua atenção estava completamente voltada para os arbustos ao redor, como se buscasse por algo além das frutas. Seus olhos examinavam a mata com uma urgência que Aram não conseguia compreender. Por fim, o homem encontrou o que procurava.

Uma canoa, cuja madeira parecia se esforçar para não esfarelar, como se a própria embarcação compartilhasse do cansaço do velho. O padre a puxou com dificuldade até o cascalho na margem do rio. Parecia usar as últimas forças que ainda restavam em seu corpo, mas ele não se permitiu transparecer fraqueza. Seu rosto, no entanto, estava pálido.

“Venha e me escute com atenção.” começou

o padre, colocando as frutinhas nas mãos do menino e o guiando até a canoa. “Tu terás comida e água enquanto estiver nas margens do rio. Não pare nas aldeias e não durma em terra até que chegue ao seu destino.”

Aram, com o estômago roncando, fez uma careta. Não sabia se estava mais faminto ou curioso.

“Qual é o meu destino?” Ele perguntou, sentindo uma estranha sensação de que não havia mais respostas fáceis para ele. Nada seria fácil dali para frente.

Uma aposta, ou a esperança de que o nome dado anos atrás finalmente traga alguma sorte, este era seu destino. No entanto, como isso não soava confiante o suficiente, o padre falou com a solenidade de quem entoava uma profecia:

“Uma aldeia feita pelos anjos, onde o rio, a mata e as bromélias acolhem a todos que a buscam. Lá você encontrará o seu destino.”

O velho disse essas palavras com a convicção de quem acredita que o destino está, de alguma forma, escrito nas pedras e nas águas que cruzam a região. No entanto, para Aram, aquilo não parecia esperançoso, mas sim uma despedida definitiva de tudo que ele conhecia.

Sem tempo para maiores questionamentos, o menino foi colocado na canoa e o padre começou a empurrar a embarcação na direção da água. Aram

agarrou seus braços, numa tentativa inconsciente de levar o padre consigo.

“Espera, mas e o senhor?” Ele perguntou com a voz carregada de angústia, mas o padre não se deteve.

“Meu destino está aqui, com o povo que confiou em mim e que agora precisa de auxílio.”

Assim, com o sorriso contido de quem dizia adeus, o padre deu um empurrão e a canoa seguiu seu curso pelo rio, carregando um menino desesperado e com olhos marejados. A curva do rio, metros à frente, marcou a última vez que os dois se viram.

Foram muitas curvas depois dessa, além de corredeiras e estreitamentos que precisaram ser manejados com os remos. O sol tocava a pele de Aram constantemente e ele sentia a sensação incômoda de estar sendo queimado pela sua própria existência, pelo peso das escolhas feitas por outros e que agora pesavam sobre ele. A chuva não era muito melhor, pois ameaçava afundar a canoa, mas a embarcação se mostrou mais forte do que aparentava. O rio seguia seu curso, impassível, como se não carregasse o peso de tantas histórias, de tantas vidas que percorreram as suas margens. As águas também pareciam desafiar tudo que Aram já havia aprendido sobre fluxos e correntes, guiando-o em direções irregulares. Para sua

surpresa, o menino encontrou alguns embrulhos no fundo da canoa, nos quais continham tiras de carne seca, farinha e ervas desidratadas, indicando que aquela canoa havia sido preparada previamente para fugas desse tipo. Quantas mais haviam espalhadas por aí e quantas pessoas conseguiram escapar por elas? Seus amigos e vizinhos, que correram para todos os lados quando as tropas chegaram com suas armas, espalhando fogo pelo assentamento, teriam eles conseguido fugir? Pensando bem, Aram não sabia se podia chamá-los de amigos, já que as outras crianças nunca puderam se aproximar muito dele devido à desconfiança das pessoas com o menino que possui sangue de invasor. Por intervenção dos padres, ele foi tolerado no aldeamento, aprendeu a ler e escrever, era alimentado, tinha suas tarefas e convivia com os outros, mas jamais foi aceito como um deles. Os olhares de desprezo eram impossíveis de esconder. Será que foi por isso que o padre lhe disse para encontrar seu destino? Um lugar onde ele finalmente poderia pertencer?

O menino havia aprendido muito sobre a vida no rio, como pescar, como navegar as corredeiras, como reconhecer o som das águas quando estavam prestes a se transformar em uma tempestade. Mas nada do que ele aprendera parecia prepará-lo para a solidão que agora o cercava. Ele

não sabia mais qual era seu lugar no mundo. Fora criado pelos padres, mas não se sentia parte daquele universo de devoção, da mesma forma que não se sentia parte do universo de sua mãe, tendo sido desprezado por eles por tanto tempo. Era como se ele fosse um espectro entre dois mundos, um ser sem raiz, condenado a seguir um caminho incerto, guiado por palavras proféticas de um homem que já estava muito longe.

Quanto mais passavam os dias naquela canoa, mais os pensamentos atormentavam o menino. A vontade de sair dali, comer uma refeição decente e esticar as pernas na orla era grande, mas Aram não desembarcou nem uma única vez, confiando nas palavras de seu mentor. No entanto, o perigo cada vez mais ameaçava invadir seu pequeno barco, mesmo com todo o seu cuidado.

Conforme as águas iam levando-o para o leste, às margens verdes iam sendo interrompidas por aldeias de todos os tipos e algo interessante ocorria. Começou pequeno, com crianças brincando na água e o vendo passar, depois alguns pescadores incrédulos e logo todos os vilarejos pareciam antecipar a sua vinda como um grande evento. As pessoas se juntavam na orla e nos morros para observar e apontar conforme ele passava, com Aram mantendo o olhar baixo, sem saber se devia se sentir amedrontado com toda

aquela comoção. Ele recordava as palavras do padre: "Não pare nas aldeias, não durma em terra". O que quer que isso significasse, Aram sabia que o padre não falara por acaso. Algo em sua voz, o mesmo tom que ele usava nos sermões durante as missas, fazia com que Aram sentisse que deveria continuar sem questionar, pois algo muito estranho estava acontecendo.

Aram não tinha conhecimento, mas os relatos sobre sua jornada estavam correndo pela região mais rápido do que o rio poderia carregá-lo. Começou com os boatos de um sobrevivente dos massacres que descia o rio em um barco cheio de ouro escondido pelos padres, passando pela ideia de que os cabelos dourados da pequena figura no barco só podia significar que ele era um enviado divino coberto de ouro dos pés à cabeça, até o boato, quase uma lenda, de que a criança de ouro estaria guiando o caminho até uma cidade secreta coberta de riquezas.

A maior parte destas pessoas era gente comum em busca de uma vida melhor, temendo a sombra das notícias de guerra que vinham do oeste e inseguros se suas igrejas e fardas os protegeriam do avanço dos invasores. Alguns eram mais difíceis de prever, como peregrinos, caixeiros viajantes e caçadores de recompensas, todos exímios farejadores de oportunidade que se viam atraídos

pela mínima possibilidade de riqueza. Outros povos nativos também acompanhavam atentamente, observando o barquinho por entre a mata e buscando conselhos e sinais em sua própria fé. Seja qual fosse o motivo, um misto de curiosidade, esperança e medo faziam essas histórias crescerem como os cipós assassinos que rondavam as margens do rio e que, por coincidência, eram uma das barreiras que impediam as pessoas de interceptar o barco. Conforme o menino ia se aproximando da região conhecida como Gravatahy, os cipós assassinos se juntavam aos uivos de lobos (ou coisa pior) e à ameaça de espíritos protetores, amparando a passagem de Aram como se lhe dessem boas-vindas à região.

Alheio à peregrinação que lhe seguia, Aram sabia que chegara em seu destino quando avistou, na margem mais próxima, um gravatá em flor. O centro da planta era avermelhado, rodeado por folhas rígidas e vistosas que se destacavam na vegetação. Uma planta linda, mas também preparada para sobreviver ao meio em que vivia.

Tomado por felicidade e alívio, Aram quase não viu a silhueta feminina parada próxima à planta, mas o arpão de ossos que a figura portava era impossível de passar despercebido. Apesar do porte ameaçador, tal qual o gravatá, a mulher fantasmagórica apenas o acompanhou com o olhar

atento e permitiu a sua passagem, como se considerasse que aquele menino, vindo de longe, fosse digno de adentrar em seu domínio. Quando Aram olhou para trás, a figura já havia desaparecido nas sombras da mata, como uma entidade que pertencia àquele lugar belo e misterioso.

O menino passou mais uma noite na canoa, temendo sair na escuridão que parecia sussurrar entre as copas das árvores. Apesar de estranho, os sussurros não pareciam ameaçadores e ele sabia que não devia temer seu destino, mas foi um pequeno pássaro que lhe deu a coragem necessária. Como se trazido pelo alvorecer, um passarinho se aproximou de sua canoa e, com suas bicadas, despertou Aram de seu sono conturbado. Era uma linda gralha azul. O menino não sabia muito sobre pássaros, mas esse era inconfundível em sua plumagem preta e azul, além da sua fama de fofoqueiro.

“Menino de ouro!” grasnou a ave em sua direção, depois levantou voo e continuou observando-o de um galho próximo.

O amanhecer havia chegado e agora o lugar não parecia tão assustador, de modo que Aram remou a canoa até a margem e seguiu o pássaro, que foi saltando entre as árvores. Ele provavelmente teria se perdido na mata sem a gralha como guia. A ave de fato parecia esperar por

ele enquanto continuava entoando “Menino de ouro” entre seus berros. Quando Aram conseguiu alcançar o pássaro, finalmente pôde notar o lugar onde se encontrava.

Haviam subido uma colina e o horizonte se abriu como um mar verde intocado, ladeado por morros mais a nordeste e banhados ao sul, além de um céu azul que emoldurava o cenário. A região inteira parecia pulsar com vida e beleza, embora apenas o menino e a gralha azul estivessem aparentes.

Aram nem teve tempo de sentir-se solitário, pois ao longo dos dias foram surgindo pessoas na região, quase todas vindas das aldeias pelas quais ele passou, haviam também os curiosos que ficaram sabendo das histórias e vieram ver com os próprios olhos. As primeiras caravanas chegaram abrindo trilhas pela mata, revelando homens fortes e de rostos severos, enquanto que pelo rio vieram famílias inteiras, trabalhadores, comerciantes e curandeiros que se assentaram na mesma colina que Aram estivera, trazendo com elas a esperança de um novo futuro.

O menino, no entanto, mesmo com pouca idade já havia sido calejado pelas desconfianças da vida e mantinha-se distante, apenas observando as movimentações daquelas pessoas. Haviam crianças de sua idade correndo entre as casinhas de barro

que se erguiam aos poucos e, por um momento, Aram pensou que poderia juntar-se a eles naquele novo começo, pertencer, como ele sempre quis. Mas essa ideia foi destruída tão logo as primeiras árvores foram derrubadas.

Parte daquelas pessoas veio em busca de riqueza, aparentemente seguindo algo que eles chamavam de “trilha do ouro”, e estavam dispostos a destruir a mata e esburacar o solo em busca destes tesouros. Não parecia haver limites para aqueles homens que andavam armados e ameaçavam os demais moradores. A mesma destruição da qual ele havia fugido agora parecia seguir seus passos, mesmo aqui, na promessa de uma nova vida.

A situação ficou ainda mais inflamada em uma tarde, quando uma das crianças da aldeia caiu de um barranco no meio do mato e Aram não foi capaz de deixá-la para ser comida pelos graxains. Após ajudar a menina a se erguer e garantir que ela estava bem, Aram foi recebido por um olhar surpreso e um sussurro aparentemente inocente.

“O garoto de ouro existe.”

Depois disso, Aram passou a ser perseguido. Se antes ele era uma história, quase uma lenda, agora ele era um alvo real que poderia levar a riquezas. O menino dourado, fugido das missões para esconder o ouro dos padres jesuítas. Os homens se revezavam em grupos e inspecionavam

a mata, buscando pegadas ou qualquer sinal que pudesse indicar a localização do menino. As mães mantiveram seus filhos em casa, com medo de o tal menino ser uma ameaça ou um mal agouro, embora as crianças ouvissem essas histórias com admiração.

Com o boato de riquezas sendo revivido e o amontoado de gente que se reunia naquela região, vieram as primeiras tropas imperiais. As histórias de um legado jesuíta atraíram outros sobreviventes do massacre a buscarem refúgio naquela terra em construção. Em menos de um ano a aldeia já tinha uma igreja e no entorno dela a sociedade cresceu, mas o menino dourado não foi visto novamente.

Aram havia fugido para o morro mais alto da região, onde a mata era densa e a presença dos espíritos e criaturas da noite repeliam a aproximação dos demais, ao menos por enquanto. Em seu exílio, as gralhas e os sussurros das árvores contavam a Aram tudo o que acontecia na cidade e nunca era algo positivo.

Ele sentia a crescente tensão na aldeia, os murmúrios de discórdia, corrupção, mortes, doenças e miséria. Embora essas marcas de sofrimento estivessem espalhadas por todas as regiões e não apenas ali, Aram sentia como se esta fosse a sua sina. O destino que o padre havia mencionado, agora mais parecia uma maldição. De

sua caverna fria na montanha, Aram conseguia avistar a aldeia que ele já não podia pertencer. Pessoas quebradas, movidas pela ganância e sedentas por violência.

Aram permaneceu em sua montanha, mas em sua solidão, uma parte dele se perguntava se ainda havia algo que ele pudesse fazer. Ele não era um herói. Não se via como alguém capaz de salvar aqueles ao seu redor, mas sentia em seu coração que a sua jornada não tinha sido em vão. Ele havia sobrevivido para algo maior, algo que ainda não compreendia totalmente.

Aquela aldeia cresceu, mais pessoas vieram e estradas foram feitas, mas nenhuma levava ao morro. O lugar ganhou fama de ser amaldiçoado e era evitado pela maioria, histórias de um lugar onde ruínas levavam à lugares misteriosos eram contadas para assustar as crianças à noite, mas os adultos ainda olhavam para aquele cume com ambição. Períodos de seca mataram as plantações e o povo precisou se unir para sobreviver à fome, da mesma forma que cheias fizeram transbordar o rio e a cidade novamente precisou se reinventar. As pessoas aprenderam a conviver entre si e com o ambiente que as cercavam.

Aram seguia em sua montanha, mas agora ele ouvia boas novas através das gralhas e dos sussurros, os quais seguiam sendo seus únicos

companheiros. Lá de cima, as chamas que iluminavam a cidade pareciam mais brilhantes, o som de música nos dias festivos podia ser ouvido e a mistura dos povos havia marcado a paisagem com novas construções.

Quando finalmente a cidade cresceu ao ponto de aproximar-se do morro para fugir das áreas alagadiças e para abrir um espaço de cultivo suficiente para a população que só aumentava, alguns aventureiros decidiram pegar seus equipamentos e a coragem de seus corações para explorar aquele pico esquecido. Para a surpresa deles, não enfrentaram nenhuma resistência sobrenatural. Não haviam uivos, sombras ou olhares em seu encalço, diferente do que seus avós contavam nas histórias de antigamente, pois aquele povo finalmente havia se tornado digno de andar sobre aquela terra. Apesar disso, o morro não facilitou a subida, com suas pedras escorregadias e mata fechada, mas, por fim, eles chegaram ao topo e contemplaram a vista privilegiada, imaginando serem os primeiros a fazer isso, uma vez que não havia qualquer vestígio da presença de alguém naquele lugar. Além da paisagem deslumbrante, encontraram apenas o vazio, um vazio que não fazia jus ao eco das lendas. Aqueles homens acamparam em uma caverna e voltaram para a cidade na manhã seguinte, trazendo as notícias para

seu povo, embora alguns ainda tivessem esperanças de ouvir sobre ouro e tesouros escondidos no morro.

A lenda havia chegado ao fim, tão rápido como começara.

Aram não estava mais na montanha, tendo sido capaz de aceitar que o seu destino era a aldeia feita pelos anjos, onde o rio, a mata e as bromélias acolhem a todos que a buscam. Todos, sejam pessoas falhas ou perfeitas, sem exceção. Aram não estava mais na montanha, pois ele havia se tornado a própria montanha. Ele não seria mais o menino de ouro, o fugitivo ou o escolhido. Ele era a sentinela, o guardião das verdades ancestrais, o eco da virtude que se perdera nas mãos da sociedade.

Em Gravatahy, aquele menino finalmente encontrou um lugar para pertencer, não entre os homens, mas naquilo que é mais profundo e imutável: a terra, o gravatá e o espírito que habita em tudo.

YURUPARI E OS SENHORES DO FEL

Danilo Correa



O capitão do mato fugia a galope. Ele olhava para trás e não via seu perseguidor, somente a sombra alada estampada no solo, devorando o crepúsculo. Era o anjo da Morte, voando veloz, com as veias da testa saltando e o chapéu escarnecendo o vento úmido que soprava do banhado, incansável, implacável. À frente do caçador, que lutava contra os cabelos noturnos pegados ao rosto, estava o capitão do mato, fugindo com espuma na boca, como o pobre quadrúpede que o carregava, já à beira da exaustão. O Fel trazia o cheiro da morte, mas não amenizava o ódio e o rancor que emanavam do vingador alado como o vapor quente que fumegava seu corpo na emoção da caçada. O sol já começava a enrubescer, tomando lentamente o tom horripilante do vinho cristão, ou do sangue carijó, e Yuri grunhiu, meio de impaciente, meio de desgosto; subiu alto no céu, quase sumindo, apontou para baixo com o corpo e apertou as asas, mirando um rasante no vilão como carcará faminto.

O potrilho moribundo havia alcançado seu

limite, a despeito das covardes intenções de seu dono, que jazia agora estirado mais à frente por conta do solavanco que deu o cavalo quando o filho de anjo abocanhou sua presa. O caçador, porém, fez como que a caçada não importasse e desamarrou o animal, sussurrando com ternura:

— Me perdoa, meu amigo, tudo ficará bem, só aguenta mais um pouco.

O capitão do mato estremeceu e, arrastando-se até um pedregulho para se recompor, exasperou:

— Um selvagem? Não é possível. Jurei que fosses a própria Yurupari a buscar minha alma. Não teria chance contra ela, mas um selvagem... um selvagem é mais fácil de matar.

Yuri saltou na direção do homem e o fitou por longos segundos. Seus olhos gelados fulguravam com o cair da noite, espectrais e marinhos como as profundezas do Gravatahy, e anunciavam o fim silencioso e solitário do capitão do mato, aterrorizado para além da malícia do Fel.

— De selvageria tu entendes, escravagista. É o calcário da alma e a vocação daqueles que roubam a liberdade um do outro — disse Yuri, em perfeito português, e o homem parou por um instante:

— Tu libertaste meus negros cativos mais de meia hora atrás...

Yuri se ajoelhou em um pé só ao lado do homem, sempre o encarando, analisando:

— E o que tem? — ele retrucou, ao que o homem respondeu, frustrado:

— Tem que isto é pessoal pra ti, não é? Não é de recompensa que tu vens. Queres sangue, selvagem — e então riu com alguns poucos dentes na boca e a língua enegrecida, cheirando a madeira podre e láudano:

— Tens vocação para um bom capitão do mato.

E então, um disparo. Os dois homens permaneceram imóveis, encarando-se como num desafio. A Morte espreitava o banhado, e o barulho da pólvora ecoou pela vastidão, espantando os queroqueros. Sob o último fio de luz do dia, cintilou por um instante a garrucha do capitão do mato abandonada no pasto, e, quase num sinal divino, o homem suspirou e deixou despencar os olhos vazios na lama fria.

— Tens razão — disse o caçador ao cadáver, ou talvez para si mesmo, ou seus irmãos do outro lado do véu. — É vingança.

Guardou sua garrucha esfumaçante e correu até o cavalo, que ainda arfava desesperado e com a boca espumante. O animal nada mais era do que uma vítima de uma guerra que ele não compreendia. Em algum momento os homens haviam determinado que eram diferentes dos demais seres, mais merecedores de compaixão, amor, respeito, e depois fizeram o

mesmo com outros homens.

— Tu és não mais que uma inocente vítima, meu amigo, e não pretendo abandoná-lo — disse ele, ao que o cavalo o encarou com olhos saltados, suplicantes, esperançosos.

O nome Ygarahy soprou nos ouvidos do carijó e iluminou os espirais em seus braços, e ele assentiu, remexendo em suas bolsas. Sacou ervas, flores e plantas, macerou-as rapidamente e as esfregou no focinho de Ygarahy com ternura. Em poucos minutos, o animal se pôs de pé novamente e partiu noite adentro sem olhar para trás. Não havia, afinal, carinho maior que a liberdade e agradecimento mais caloroso do que seu pleno e total desfrute.

Caiu a noite. O vasto lamaçal vestiu o brilho argênteo da lua cheia, e, com seu esplendor solene, agitaram-se os girinos, os grilos e os vagalumes em uma espécie de festa, entorpecendo os sentidos do vingador solitário. Seu corpo inteiro parecia incandescer com uma delicada chama, etérea e ancestral; era a manifestação de seu sangue divino dando luz aos tons de seu coração rancoroso. Foi apenas quando sentiu, mais ao longe, o cheiro de fumaça e de carne assada riscando os ares em sua direção, que notou um brilho mais intenso bem longe, na beira de sua visão; suas asas efervesceram no ar, dissipando-se em pequenos fogos-fátuos. Ele ajeitou o chapéu e deixou cair sobre os braços as mangas da

camisa e o resto do seu insólito disfarce: era um índio nas vestes de um branco, falando e agindo como branco, mas pensando e sentindo como caribé, e com tecidos como os de escravagistas, corruptos e assassinos, para ocultar sua linhagem sagrada.

Levou mais de hora até conseguir ver com detalhes o assentamento adiante. Era encostado em um riacho farto, mas longe de tudo. Alguma que outra vaca faminta escorava-se embaixo de um ipê amarelo para proteger-se do sereno e do mato alto, que quase cobria a vista dos casebres por trás das plantações mortas — alguns, mais antigos, trabalhados por artesãos colonizadores, pintados em azul, amarelo e branco, tetos altos e graúdas janelas, enquanto outros pareciam mais recentes e feitos às pressas, e circundavam o casarão principal com o barro ainda fresco da última chuva e as formas tortas e brutas, tristonhas e frágeis.

Um grito rompeu a calmaria noturna, tingindo de perigo as chamas laranjas da fogueira bruxuleante, feminino e aterrorizado, levando o paisano a embrenhar-se na muralha de pasto com a garrucha em riste, e o instinto foi mais veloz do que sua visão. Com um disparo, arrebentou a cabeça de um homem, que caiu como fruta podre diante de uma jovem senhora. O rosto horrorizado da mulher quase o distraiu de suas feições e o modo como ela se vestia, que se assemelhavam em conceito com os

do atirador: olhos finos da cor do litoral, pele da tez do outono, mas trajada como uma daquelas mulheres que viajavam com escravos, dentro de suas carroças ornamentadas, uma contradição de cabelos negros em coque. Sua boca escancarada gritou novamente, dessa vez na direção do estranho, que atirou a arma no chão e ergueu os braços em sinal de boa fé, apenas para ser rodeado de homens armados, cada um tão ímpar quanto a donzela mestiça, porém unidos na agitação e no medo que lhes fazia tremer os dedos e a fala:

— Invasor!

— Quem és tu?

— Por que mataste o Gilberto?

— Assassino!

— De onde saíste?

Esperou que os homens nervosos indagassem e fizessem ameaças em suas retóricas. Nada que saísse de sua boca seria suficiente para convencer aqueles homens de sua boa intenção. Apenas uma pessoa poderia fazê-lo por ele, e era nela que o forasteiro mirava, pedindo com os olhos à mulher para que interviesse a seu favor. Ela, por sua vez, apoiava-se num tronco de árvore e fitava o finado à sua frente, cobrindo a boca com as mãos e vertendo grossas lágrimas, que iam limpando o sangue enegrecido que jorrara em seu rosto. Seus olhos finalmente se ergueram quando um dos rapazes, o

mais velho, se aproximou com raiva.

— Para de olhar para Maldiva — esbravejou e encostou a garrucha na cabeça do viajante. Neste instante, seus olhares se encontraram, despertando em Yuri a desconfortável sensação de já ter vivido aquele momento. Sua mente trovejava com imagens do passado, sons, gostos, cheiros familiares, e a certeza de que havia se esquecido de algo muito importante. O próprio solo pareceu ceder abaixo de seus pés, e as forças naturais que pregavam tudo na terra se desfizeram como um cordão mal amarrado, e um sussurro sem sexo preenchia todas as direções e dizia:

— Chegaste ao teu destino. Cumpra a tua promessa.

— Não atireis! — disse a mulher ao longe, e a última coisa que o viajante viu foi o vestido esvoaçante de Maldiva cobrindo o mundo de vermelho ao seu redor.

* * *

O forasteiro saltou da cama de uma vez só, tateando ao seu redor em busca de sua arma. De costas para ele, Maldiva terminava de preparar um mate com dificuldade. Tinha o braço esquerdo todo enfaixado e praguejava baixinho quando o torcia ou o esticava. Ele a agradeceu em guarani, ao que ela lançou um olhar desconcertado e então riu entre suspiros:

— Desculpa chocar-te, mas não falo guarani. Só sei o português e o espanhol. Nasci bem mais ao sul, no Vice-Reino da Prata, e fui vendida ainda muito jovem a um militar de baixa patente. Tu falas português, espero?

— Falo sim. Espero ter salvado tua vida ontem, e não ter matado algum querido teu.

Ela deu um longo sorvo no mate, como que tentando alongar os segundos. Então, se virou:

— Fizeste os dois ao mesmo tempo. Gilberto era um bom amigo, fiel, protetor... mas o homem que mataste vestia apenas a sua carcaça. Eu só tive certeza quando vi escorrer a massa negra e oleosa, que amaldiçoa tudo o que toca, no lugar de seu sangue, outrora tão rubro, rubro, intenso e forte, doce... ah! Amargado então pelo Fel da Terra. Quando o mataste, tinha os dentes vorazes cravados no meu braço, pronto a tentar devorar-me inteira. Pude ver em seu rosto raivoso e vazio de humanidade. Justo ele. Aceitas um mate?

Ele acenou que “sim”. Sentava-se à cama de palha sob a luz da primeira manhã, quando o sereno começava a dissipar-se e os sabiás e bem-te-vis voltavam a matraquear seus assuntos selvagens. O mate tinha o gosto mais amargo do que de costume, mas ele nada disse.

— Não vais perguntar meu nome?

— Já sei quem és. Tive dúvidas por causa do

desespero de ontem, mas observando-te bem, agora, vejo que fazes valer tua alcunha, Yurupari. Erraram apenas teu gênero, Yurupari é a senhora dos mortos e das sombras, vigilante do véu espiritual. Já enviaste muitos a esse reino funesto ao longo de tantos anos por estas bandas. Ou me engano? Teus olhos azuis de fantasma notívago entregam-te.

— É certo. Chama-me Yuri, se quiser. Meu nome de nascimento só direi novamente ao algoz de minha aldeia. Mato desde que posso, mas somente aos que devo, ou aos que me permite a soma da vingança de Yurupari com a justiça de meu pai Caribé. Sou violento para impedir outros violentos como eu e me alimento da guerra para matá-la aos poucos, assim sobra menos guerra para os inocentes. É esse o juramento que fiz a Yurupari quando a encontrei, ainda muito novo, perdido na mata, fugido das cinzas e do sangue familiar derramado em minha aldeia. Em troca, pedi a ela que me guiasse ao rumo do mandante da chacina. Ela me deu o nome do homem e a garantia de que um dia eu o encontraria. Mais uma servida?

— A sina dos que não têm nada é tirar dos outros.

Ela serviu mais um mate com o olhar perdido nos campos para além do riacho, deixou transbordar a cuia e guinchou de dor, e logo mergulhou a mão em um jarro de água fresca para aliviar-se. De costas

para Yuri, ela titubeou:

— Hermeto Dias. Ouve-te cuspir amargamente o nome do infeliz durante teu sono. Vem comigo, deves estar com fome.

Andaram até a grande fogueira, agora pura brasa e fumaça. Uma bandeja de metal jazia ao lado, com alguns beijos tostados ainda mornos da noite anterior. Yuri devorou tudo, a despeito dos olhares cautelosos e desgostosos dos demais residentes e da ossada de Gilberto que fora jogada às chamas para não contaminar a terra com a infecção que ele carregava. Quando Maldiva viu os ossos, ficou escandalizada.

— Tirei agora mesmo o Gilberto da fogueira! Não tolerarei este desrespeito com o lugar onde comemos, muito menos com o corpo de meu amigo querido.

Um homem grande de pele escura e cabelos como as copas das árvores vociferou:

— Ou o quê? Não és nossa líder.

— Sou sim, enquanto o coronel não voltar. Se queres desafiar-me, diga de uma vez, e resolvemos isto à moda dos pampas.

Imediatamente, Maldiva arredou a barra do vestido, de onde deixou à mostra uma guaiaca oculta e seu facão. A resposta foi clara, e o homenzarrão foi em silêncio remover os ossos de Gilberto ao ver que não tivera apoio dos demais.

— Aqui era uma fazenda. Quando meu pai e eu chegamos aqui, encontramos apenas uma senhora nguzu bem velha, já contaminada pelo Fel. Não dizia coisa com coisa, gemia preces para suas entidades e, quando meu pai lhe perguntou o que havia acontecido, pranteou que haviam matado seu senhor, junto com todos os seus familiares, e os jogaram no abismo. Ela morreu instantes depois, vertendo a gosma negra por todos os orifícios, sem nos dizer onde estavam os outros escravizados. Se existe um Diabo, ele garantiu ali que mantivessem seu segredo a salvo. Vasculhamos o terreno, mas evitamos a casa. E assim temos vivido por meses.

Um sujeito de barba branca e cheiro de mar se aproximou, deu um chute na bandeja e ergueu Yuri pela gola do colete. Trazia na garganta o embargo de um homem enlutado e gritava, tentando vencer pela força a dúvida que carregava no peito:

— Já descansaste, comeste e proseaste, agora conta o que vieste fazer neste fim de mundo abandonado por Deus!

Yuri não quis revidar. Retirou a mão do idoso com um gesto rápido e o fulminou com o olhar. No campo, o homem mais bruto vence, era a lei dos estrangeiros que resistiam à tentação da água negra, quer Yuri gostasse ou não:

— Pois amansa-te, que não tens mais idade

para o risca-facas à qual tua atitude me compele. Tu —, apontou para Maldiva —, diga a teu pai que vim em paz, antes que aconteça uma desgraça.

Maldiva e o velho se entreolharam por um instante, ao que a mulher assentiu, e o velho abaixou a cabeça, com o chapéu apertado contra o peito.

— Perdão, guri. Gilberto era... como um filho para mim também. Era um bom rapaz, não merecia o fim que teve. Filha, vem comigo, precisamos conversar. Com licença.

E os dois seguiram, cochichando agitados, na direção do riacho, de onde de vez em quando olhavam para trás e fingiam não falar sobre o estranho Caribé trajado de vaqueiro.

Yuri vagueou pelo assentamento. Realmente, notava os sinais de uma fazenda abandonada. O estábulo não tinha cavalos, e a estrada desaparecera por baixo do mato. O casarão tinha tábuas pregadas às janelas e à porta, selada completamente. Fosse lá o que houvesse acontecido ali, foi tão terrível que o grupo de Maldiva sentiu que precisava proteger-se do que havia lá dentro, e com razão. O casarão tinha um ar indigesto, como se arfasse com a brisa da correnteza, e deixava escapar um hálito sinistro de morte, que somente as feras mais brutais exalavam, e os sobreviventes mais exímios — ou sortudos — sabiam reconhecer.

Decidiu ir, então, até o ponto onde encontrara

Maldiva e Gilberto pela primeira vez, e de lá traçou o caminho de Gilberto. Em algum ponto deveria encontrar a origem de sua súbita transformação. Do ponto onde caíra com a cabeça arreventada, andou para trás como Curupira, cada passo calçando as marcas das botas grossas do morto. Andou de ré até encontrar um jarro de barro perto da traseira do casarão e o examinou, mas apenas encontrou água. Seguiu seu trajeto, cambaleando e rodeando a esmo, confuso, e quase cogitou ter perdido o rastro, quando se viu beirando o riacho, umas dezenas de metros atrás de Maldiva e seu pai.

Os Caribé podiam tudo que era natureza. Tinham laços fortes com os elementos, os espíritos, plantas, animais... Água, fogo, terra e ar, até mesmo o brilho do sol e a sombra da noite podiam ser tocados pelo sangue do Anjo. O vingador tocou a água com as mãos e se viu novamente criança, aprendendo a falar com o rio por ensinamento do velho pajé de sua aldeia.

— Vamos, jovem Ubirajara! Sente a força do rio. Ele fala contigo, pulsa como as veias que correm das tuas mãos pelos teus braços e cruzam caminhos de todas as direções até o teu coração. Sente vibrar a canção da água, deixa-a ressoar e atravessar teu espírito. Convida o espírito do rio para dentro de ti — dizia o velho Ubiracy, lento e brando como se o dia tivesse mil horas.

Assim fazia Yuri. Pouco a pouco, adentrou o rio sem sequer dar-se conta e, quando a água o cobriu até a cintura, sentiu físgar seu estômago. Inundado pelas vozes do rio, foi novamente invadido por visões. Seus olhos cerraram como que colados e, preso no êxtase do suplício do rio, viu o Fel. Tomava as profundezas do rio, gota a gota, alargando-se, aumentando, diluindo-se e invadindo discretamente o solo, as raízes, os peixes, tudo. Viu lampejos de um lugar escuro, uma gruta, e homens batendo com suas ferramentas sem parar, num ritmo constante, inumanos. Uma frase latejava em sua cabeça, e depois outra:

— Quando o rio secar, os mortos caminharão sobre a terra. O rio está secando.

Yuri sentiu romper o transe com as mãos firmes e trabalhadoras do velho açoriano, que o puxava de volta para a margem e praguejava em estrondos. Pôs-se então de pé em um salto e olhou para Maldiva com uma expressão que ela jamais imaginaria possível naquele rosto marcado pelo perigo: terror.

— É a água, Maldiva. É o rio! O Fel está nos jarros, no mate, nas plantações, em tudo.

Maldiva imediatamente arremessou a cuia para longe, e o velho disparou para alertar os outros, ínterim suficiente para que Yuri recuperasse a postura e organizasse os pensamentos, declarando

decidido:

— Deves-me contar tudo. A verdade. O que há naquele casarão? Anda, fala!

— Coronel Hermeto Dias.

— Como?!

— O coronel trazia pessoas aqui, pessoas como tu e eu. Ele as levava para o casarão, e elas nunca voltavam. Vê, o coronel é nosso líder.

Yuri não esperou nem um segundo. Partiu a passos largos para buscar seus pertences, entre eles, a garrucha. A Maldiva ia atrás, em súplica:

— Ele nos obriga, Yuri! Um a um, ele envia para dentro da casa, toda semana, e, quando somos poucos, ele traz mais. Vejo agora que nossos caminhos estão entrelaçados, tu queres a morte dele, e eu também. Eu posso levar-te ao seu encontro!

Ele parou e puxou Maldiva pelo braço, seus olhos faiscantes a feriam de morte:

— E por que devo acreditar em qualquer palavra tua?

— Porque o coronel é o meu pai. O velho Santiago é pai de Gilberto, e não meu, eu menti por medo que não confiasses na minha palavra, mas juro que explicaria tudo mais tarde. O coronel me comprou ainda menina e foi meu pai carinhoso até minha primeira menstruação. Foi quando o animal passou a ver-me com outros olhos e a desejar-me. Por longos quinze anos sofri sua violência e senti

fraturar meu espírito e meu corpo sempre que ele retornava de suas empreitadas. Agora finalmente encontro alguém que pode fazer valer a justiça dos homens! Acredita em mim, Yuri, eu imploro. Levo-te a ele, e me matas depois se quiseres.

A ponderação demorada de Yuri corroía os ossos de Maldiva, impaciente pela resposta do carrancudo vingador, que bufava aos quatro ventos enquanto preenchia de pólvora sua garrucha. Ainda sem dizer nada, ele a fitou e sacou de sua bolsa de linho um punhado de balas, preencheu sua garrucha e passou algumas para a mulher.

— Tens arma de fogo? Vais precisar, se quiseres uma chance de sair viva. O rio me mostrou vários mortos trabalhando numa mina em algum lugar abaixo de nós. Teu pai deve ser um necromare a esta altura.

Maldiva assentiu e assoviou, ao que em poucos instantes foi presenteada por Santiago com a espingarda de Gilberto e uma larga bolsa de linho. Ela deu uns tapinhas na bolsa e falou:

— Se quisermos evitar a contaminação do riacho, devemos dar um fim à escavação e soterrar novamente o que não deveria ter sido revelado. Tenho aqui comigo alguma alquimia dos povos invasores que pode ajudar com essa tarefa, quando a hora chegar.

Juntos, os três caminharam até uma janela

discreta na casa. Maldiva entrou assim que Santiago se despediu, sem perspectiva de voltar a ver a dupla novamente.

A noite não era tão escura quanto o interior da casa. Morte fervilhava do chão a cada passo que davam, levantando uma poeira sufocante que ardia aos olhos. Iluminados apenas por uma pequena vela que Maldiva trazia num píres velho, ambos apressaram o passo, vasculhando, observando, sempre alertas, até que a mulher apontou para um alçapão desvelado por um tapete bolorento que havia sido jogado para o lado e escancarou a entrada da mina secreta do antigo proprietário. Iam descendo uma espécie de escadaria rudimentar mastigada da própria pedra pelos antigos exploradores, e Maldiva ia explicando: vieram parar ali não tinha muito tempo, menos de um ano, só ela e o coronel, que buscava algum lugar onde deixar seus espólios de guerra. Longe de tudo, nenhuma estrada à vista, era o esconderijo perfeito. Foi então que mais pessoas começaram a aparecer. Rejeitados, fugitivos e até moribundos sem rumo foram somando-se nessa pequena comunidade, e Hermeto Dias, que não era nenhum intelectual, mas tinha um tino para a manipulação e a perversidade, convenceu a todos a serem comandados por ele. No começo, agiram por confiança, e depois, quando a máscara de mantenedor da ordem do coronel caiu, obedeceram

pelo medo.

Nas primeiras semanas, sua equipe voltou com ouro. E, conforme o ouro ia minguando, Hermeto Dias ficava mais e mais nervoso e angustiado. Passou a ir sozinho, ficando horas e mais horas dentro dos túneis cavados pelos escravizados do falecido senhor de terras, não dormia, não comia. E foi então que começaram os sacrifícios.

Terminaram as escadarias. O rumor do riacho podia ser ouvido fluindo acima deles, e o som das goteiras e os espaços apertados entre as vigas de madeira que sustentavam os túneis à frente faziam a dupla estremecer com a fúnebre visão de seus enterros precoces. Caminharam por um tempo até ouvirem a vibração das picaretas violando a terra abaixo deles, ao que responderam acelerando o passo até se depararem com um enorme buraco no chão. Um caminho sem volta, fundo de perder-se nos olhos, escuro e sinistro, abria-se diante deles como uma enorme mandíbula de pedra, ou uma úlcera nas entranhas do mundo.

— E agora? — suspirou ela, quase aliviada por encontrar impedimento para prosseguir com aquela loucura.

— Segura-te em mim — disse ele, numa expressão tão determinada e rija que quase pareceu sorrir. Foi o bastante para fazê-la sorrir de volta.

Agarrados, saltaram, fazendo o coração de

Maldiva despencar. Entretanto, como se enlouquecesse, ouviu um grosso farfalhar e viu brotar asas ao redor do vingador, e, com batidas de asas de tanto em tanto, Yuri ia reduzindo a velocidade da queda, até que pousaram em uma vasta caverna natural, alta como as araucárias. Adiante, como um litoral fúnebre, viram uma espécie de encosta, onde batia uma imensidão de líquido negro no lugar do mar, e obsidianas no lugar das dunas. Sobre as enormes pedras, mortos enlameados pelo Fel martelavam em cadência mecânica suas pesadas picaretas. Maldiva, assustada, deu um passo para trás e sentiu estranho e inconstante o solo onde pisava e, ao notar que eram pilhas de cadáveres amaciados pelos vermes, teve impulso de gritar, contido rapidamente pelas mãos ágeis de Yuri, que lhe tapou a boca como se prevendo sua reação momentos antes.

Ela os conhecia. Os corpos daquelas pessoas eram de sacrifícios recentes, gente que o coronel capturava e trazia àquele lugar. Yuri bateu as asas e levou Maldiva para longe da pilha de corpos, ao que ela soltou sua cintura, se ajoelhou e vomitou. Vomitou de nojo, sim, mas também de horror e de culpa. Uma parte de sua alma deveria pagar o preço por não ter tido coragem de tentar impedir aquela loucura antes. Ela agarrou sua bolsa com firmeza, decidida a terminar com tudo aquilo, não importava

o custo, e foi quando ambos ouviram uma exclamação de surpresa e escárnio vinda de suas costas.

Tinha meio crânio à mostra. vestia um chapéu orgulhoso e sorria pelos buracos da bochecha um sorriso imóvel, involuntário. Os trajes haviam mudado, tinham outras cores, e enfeitavam-se de medalhas carcomidas pela erosão do líquido maldito, mas a metade do rosto que ainda estava inteira disparou em Yuri um balaço direto em sua alma: coronel Hermeto Dias ainda lembrava o jovem sádico que fora mais de década atrás, seu sorriso de olhos vazios cintilava como quando, à luz bruxuleante das chamas que reduziram a cinzas os corpos carijós, observara o garoto aterrorizado que fugira pela mata, sem rumo. Ainda usava a mesma garrucha daquela época, agora apontada contra o peito, não de Yuri, mas de Maldiva.

— Meretriz curiosa. Não podias esperar-me lá em cima?

E, com um disparo, Maldiva se inclinou para trás e caiu sobre as larvas que devoravam copiosamente a grande pilha de carne humana atrás deles. Yuri não pensou duas vezes, saltou sobre o necromare e desferiu-lhe todos os socos de fúria que tinha guardados. Os socos por sua vez se transformaram em cortes quando suas unhas se transformaram em garras, e ele urrava e rugia como

as onças, dilacerando-lhe a carne púrpura.

— Ubirajara! Meu nome é Ubirajara! Me deixaste viver quinze anos atrás, seu monstro! Vim buscar tua alma.

O coronel ria e ria, cada novo golpe desmantelando a figura esquelética que um dia portara as feições de um homem e o coração vazio que a Morte rechaça e que faz até o diabo enrubescer.

— Lembro agora de ti! Mas não podes me matar. Sou do Fel agora. Sou um com os Senhores...

Ubirajara espumava, sua consciência era o Minuano invernal, louco, furioso, destrutivo e sem destino. Mal notou quando o corpo de Hermeto Dias parou de lutar e tampouco sentiu quando a maré de Fel se ergueu sobre suas costas, vindo numa onda de viscosidade negra, ossos, dentes e pedras preciosas, chocando-o contra a parede e manchando suas asas da cor funesta. Quando recobrou consciência, viu o esqueleto do coronel erguer-se da baía de Fel, e, como uma falange, de lá brotaram dois, três, quatro, incontáveis esqueletos trajando deterioradas roupas em ouro, prata e cobre. Brasões cintilavam no breu, eram os antigos senhores daquelas terras, ligados pelo Fel e eternizados pela fome de poder e de ganância. Maldiva, com o pescoço sangrando do balaço, boiava perto deles, e eles a puxavam, querendo consumi-la para

expandirem-se ainda mais, como fizeram com os outros. Ela, por sua vez, olhava para Uribajara, balbuciava o verdadeiro nome dele sem voz e sorria. Se ainda pudesse falar, teria lhe dito que era um nome lindo e que lhe caía bem. Maldiva enfiou a mão em sua bolsa e sacou uma espécie de pacote com vários tubos vermelhos ligados por um fio. Na outra mão, sacou uma pedra e a riscou contra uma das rochas na beira do mar negro até que as faíscas acenderam o fio. Sem entender o que estava acontecendo, Ubirajara a viu dar-lhe uma piscadela. A seguir, veio um clarão intenso, e pela primeira vez ele pôde notar seu estado. Marcas negras e esverdeadas subiam incandescentes por suas pernas e braços, enraizavam seu corpo, sua mente e sua alma, consumiam-no rapidamente de todas as direções, e seu coração, em vez de acelerar, batia mais devagar, apaziguado. Ubirajara cumprira seu destino, afinal, e também sua vingança. Quando a treva ameaçou apagar-lhe o brilho do espírito, porém, uma fagulha de consciência desceu sobre ele como um raio, e o tempo congelou. A nuvem densa de fogo e destroços expandiu-se e estagnou no ar diante dele, que era agora espírito, e não mais carne, e ele andou pela câmara da sua morte na direção de Caribé e Yurupari, que o observavam altivos, celestiais, cristalinos.

Não trocaram palavras. Não era necessário.

Puseram-se ao seu lado como pai e mãe amorosos, e entre eles se partiu a própria caverna em uma fenda estrelada. Do outro lado, a fenda que expandia deixava o vislumbre de uma terra encantada, verde, vasta, repleta de seres alados como ele voando esplendorosamente sob o céu caleidoscópico. Maldiva passou por ele, também cristalina, e lhe estendeu a mão para que cruzassem juntos. Ele sorriu, como não o fazia havia anos, desde que era criança. Porém, indo contra toda a lógica e os planos dos deuses, Ubarajara se ajoelhou, e implorou por mais uma chance. Livre do ódio e da vingança, desejava uma nova missão: a de curar a terra onde quer que o Fel estivesse. As divindades, então, tocaram seus ombros, e, acatando seu pedido, a corrupção que tomava seu corpo cedeu, e as asas, em vez do tom de Fel, adquiriram o negro da noite.

Uribaraja disparou então, com suas novas asas, pelo buraco de onde entrara, vendo tudo ruir pelo fogo e os tremores da explosão. Quando chegou à superfície, viu a casa afundar ao seu redor, cobrindo completamente a mina.

Fez-se o luto de Maldiva. Sete dias depois, livres de mestres e da influência dos Senhores do Fel, Uribaraja se despediu de Santiago, que decidiu tomar conta daqueles pobres rejeitados sem lar. Juntos, transformariam aquele lugar em um santuário para os perdidos, plantariam e colheriam

para comer, e viveriam em paz. Quando a sétima noite caiu, Ubirajara ergueu suas asas noturnas e partiu. Enquanto houvesse Fel no Continente, lá estaria Ubirajara, ou Yuri, ou Yurupari, para combatê-lo.

SOB AS RAÍZES

João Ricardo Bittencourt



Eu tinha doze anos quando tive que entrar na mata pela segunda vez e saí de lá totalmente diferente. Desde sempre ela me olhava. Dizem que quando as árvores sussurram é apenas o vento, mas eu sabia que não era bem assim. As folhas sussurravam baixinho o meu nome. Meu pai dizia para não escutar.

* * *

As folhas tentavam avisar o que estava para acontecer. Eu estava do lado de fora da nossa pequena casa, tirando leite da cabra, quando a carroça do padre Antônio chegou. Estava muito frio, o céu cinzento, o sol não conseguia vencer as densas nuvens. Um vento gelado soprava do sul, esvoaçando meus longos cabelos negros.

— Buenos días, Mariazinha. Já de pé a essa hora? E *tu padre?*

Sem olhar nos olhos dele, apontei em direção à porta.

— Pode entrar, padre. Ele está preparando o

café.

Ainda fiquei um tempo ali no frio. Olhando para a mata que cercava nossa casa. Ela estava silenciosa, sem pássaros, sem insetos. Só o vento passando pelas folhas. Eram muitas árvores. Troncos e cipós fechavam os caminhos. Meu pai foi ensinado pelos padres, mas não queria ficar no novo arrendamento. Não sei quantas vezes senti meu pai triste por ter deixado as velhas histórias, ter abandonado algo que parecia muito importante para ele. Eu tinha dez anos quando Sepé tombou e a gente veio pra cá, fugindo dos homens do Império. Os padres são bons, sempre dizia meu pai. Bom do jeito deles. Eu e minha mãe ajudamos meu pai a fazer a casa de barro e taquara, com telhado de palha. Em frente à porta, colocamos o crucifixo missioneiro de galhos, atado com cipós que meu pai trouxe do mato. Eles diziam que serviria para nos proteger de todo mal.

Abri uma fresta da porta, segurando a talha cheia de leite. O padre estava ao lado da minha mãe, colocando compressas na cabeça dela e rezando em latim. Eu não sabia se era o peito da mamãe que chiava, ou as árvores da mata. Os olhos dela estavam brancos igual ao leite da cabra. O corpo imóvel, pálido. Às vezes, um filete de sangue escorria pela boca. Dei um passo atrás e fiquei escutando:

— Miguel, ela não passará de hoje.

— Padre, vou entrar na mata em busca da cura. Desculpa, mas tem certas coisas que nem o nosso Senhor Jesus resolve.

— Olha, deixa de heresia, Miguel!

Fazia exatos sete dias que mamãe estava assim, não comia e estava ficando muito magra. O padre Antônio vinha todas as manhãs com suas rezas e compressas para aliviar a febre. Não estava adiantando.

Era de manhã cedinho, acordei assustada que eles não estavam em casa. Papai estava andando em volta do lado de fora, preocupado, chegava próximo da entrada da mata, escutava os sons, e voltava. Lembro de ter falado — ali papai! — apontando para o mato. Mamãe saía de lá. Nua, com o corpo todo arranhado e sujo. Os olhos já estavam brancos, parecia que seu corpo flutuava. Papai logo a acolheu com seus braços fortes e ela nem reagiu. Dentro do peito tinha o mesmo chiado das folhas. Papai colocou ela deitada e ordenou que eu esquentasse a água. Limpou o corpo dela e ela ficou ali, sem brilho. O sangue brotava em sua boca pela primeira vez. Deixou-me ali com ela e foi com seu cavalo procurar o padre Antônio.

E assim estávamos desde então. Mamãe mais magra, os olhos nunca mais me olharam.

Esse era o sétimo dia. O padre nem tinha terminado seus cuidados e o papai já se preparava para sair de casa. Eu nunca tinha visto ele assim.

Pegou um facão numa mão, o terço enrolado na outra e prendeu um embrulho de ervas ao cinto. Pintou algumas formas simples no seu rosto usando uma tintura escura que tirou das ervas e colocou um adorno em sua cabeça feito de penas de quero-quero.

O padre tentou segurá-lo, mas papai afastou a mão dele.

— Miguel, se entrar na mata, ela toma não só tua mulher, mas tua alma também. Vai deixar Maria viver aqui sozinha? Não é por ti, mas pela menina. Pense nisso.

— Não sou Miguel, sou Piatã.

Ele passou ao meu lado, me olhando apenas rapidamente, como quem pede desculpas antes de partir. Fiquei na porta, sentindo o vento empurrar meu corpo magro para dentro de casa, mas não consegui me mexer. *Queria ter dado um abraço nele.*

O silêncio da mata era tão pesado, dava para ouvir o chiado dentro do peito da minha mãe. Quando meu pai entrou na mata, uma rajada de vento soprou forte e derrubou a cruz em frente a nossa casa. Naquele instante, pensei ter visto, entre as árvores, uma sombra alta, imóvel como um tronco, mas mais escuro que os outros. Olhei para mamãe, ela ainda respirava.

Senti a mão do padre em meu ombro e seus lábios estalaram em um suave beijo na minha

cabeça.

— Minha pequena Maria, eu não posso ficar aqui com você. Você sabe disso, não é mesmo? Tu terás que cuidar de *tu madre*. Ore por *tu padre*. — ele disse em tom de pesar — Tu viu como eu faço as compressas? Não deixe de rezar o terço. Amanhã cedinho eu volto e espero que Miguel já tenha retornado. Vou levantar a cruz pra você antes de sair.

Eu somente acenei com a cabeça. Sentia vontade de chorar, mas as lágrimas não escorreram. Vi a carroça do padre sumir na estreita trilha entre a mata, que levava até o próximo aldeamento dos indígenas Guarani. Senti uma tristeza. *Porque papai não quis ficar com os outros? Era só ser Miguel pra sempre*. Percebi que estava sozinha nesta terra e meu peito doeu.

Voltei para a cabana. O frio estava mais intenso. Aticei o fogo no fogão a lenha e sentei ao lado da mamãe. Desde que mamãe voltou assim da mata, era um silêncio total, exceto pelo chiado em seu peito. O tempo demorou: foram um... dois... três dias. O chiado diminuía e o corpo dela estava cada vez mais rígido. Ela se foi. O padre Antônio também. Não voltou mais naqueles dias, assim como meu pai. Eu ficava olhando pela janela, para aquela vastidão verde de troncos e galhos, não dava pra ver nada. Quando as nuvens cobriam o sol, o

verde ficava cinza e quando a noite chegava, me sentia engolida pela escuridão. Percebi que não via a lua há muito tempo, parecia que era sempre lua nova. Estávamos sepultados pelas trevas.

Ali na janela, deixando a escuridão entrar, no silêncio absoluto e pesado, me veio à memória a primeira vez que entrei na mata. Lá na outra mata, onde a gente morava com os padres. Eu tinha só cinco anos. O papai que me salvou. Lembro de estar sentada em uma pedra chorando muito. Não sei o que aconteceu. Desde aquele dia nunca mais entrei na mata sozinha e agradecia ao Senhor Meu Deus por morar com os padres. Tudo foi acabando, igual um dia de inverno com nuvens densas que cobrem os fracos raios solares que tentam desabrochar. Primeiro foi a redução, depois o Sepé, depois a mamãe, depois o padre Antônio. *Será que o papai se foi também? Seria eu a próxima?*

Deitei ao lado da mamãe. Ela parecia em paz. Já não chiava mais. Seus olhos estavam negros novamente. Nem a noite estava chiando mais, o vento cantava uma canção fúnebre, triste, pesada. Deixei a brasa morrer e senti o frio pontiagudo. *Amanhã eu vou também.*

Acordei com muito frio. Choveu a noite. Nuvens negras cobriam o céu. Vesti meu poncho, peguei o lume e decidi entrar na mata. Não tinha mais nada a perder. *Sei que se eu ficar chorando em uma*

pedra, meu papai vai me achar. Sim, Maria Antônia entrou sozinha na Mata dos Espíritos.

O cheiro era de umidade e tinha folhas escuras e úmidas no chão. Mesmo sendo dia, a cada passo que dava para dentro do mato ficava mais escuro, com muitos galhos e cipós baixos. Nenhum inseto, nenhum pássaro. Encontrei no chão muitos animais mortos, alguns já exibindo seus ossos. Um cheiro doce exalava das carcaças podres. A sensação era de que uma boca gigantesca, feita de escuridão, devorava tudo ao redor. *Pra onde eu vou?*

Sentia meu coração bater rápido, a boca seca. Meus olhos não encontravam nenhum caminho. Fui obrigada a acender a lanterna. *Mas e se ela apagar?* O ar era muito pesado, precisava fazer força para conseguir respirar, parecia que minhas costelas estavam apertadas.

As árvores iam ficando mais antigas e cheias de musgo conforme avançava. Percebi que o morro estava próximo, o caminho ficava mais difícil: além dos galhos, tinha também muitas pedras, de diferentes tamanhos e cobertas de limo. *Para onde eu vou? O que são estes olhos?* Me virei em busca deles, mas só havia escuridão e silêncio, só meus passos nas folhas. *Cadê os animais? Cadê papai? E seu gritar? Não, não vou gritar.*

Há quantos dias estou andando? Ou será que são horas? Minutos? Não sei. Fui levada para outro tempo.

Acho que vou deitar-me aqui nestas pedras e aceitar que morri. Quem sabe alguém um dia encontrará meus ossos. Ali no fundo é a mamãe? Ou o padre Antônio? Sim, vi um par de olhos que me olham atrás daquele cipó. Não vou lá, cansei. Vou ficar aqui e ser para sempre Maria.

Despertei com um som distante. Vozes. A noite havia caído. *Tenho que apagar a lanterna.* Fui lentamente, me esquivando entre os galhos, em direção ao som, com muito cuidado. Passo a passo. Como uma onça para dar um bote. Vinha da direção do morro. As vozes ficaram mais altas e na distância dava para enxergar uma luz, o fogo ardia ali perto. Com dificuldade consegui chegar próximo à clareira. Sentia cheiro de terra revirada. Era um acampamento com barracas improvisadas, em frente a uma escavação no morro. O aroma metálico de sangue fresco chegou até mim.

Em uma árvore, havia um corpo pendurado pelos pés, de cabeça para baixo, braços amarrados. Um homem com um longo manto negro erguia um cajado e recitava palavras estranhas. Ao seu lado, alguém com traje imperial. Eu estava muito longe, precisava chegar mais perto, mas com muito cuidado.

Um passo de cada vez. Apaguei a lanterna e deixei ela largada na mata, segui com as mãos livres, meio agachada. Me aproximei de uma barraca feita de treliças de madeira e couro de boi.

Havia muita terra escavada em volta. Consegui ver melhor o homem de vestes negras, o seu cajado de madeira era decorado com um crânio humano. Não dava para ver seu rosto, estava escondido pelo capuz do manto. Cobri meu nariz, pois o cheiro de podre era forte. Vi as costas do homem com traje imperial. Ele tinha os pés descalços e a roupa suja, rasgada, com manchas de barro e sangue. Não conseguia ver quem estava pendurado, tinha que chegar um pouco mais para o lado.

Enxerguei um soldado que tinha uma máscara prateada, não dava para ver seu rosto também. Ouvei um gemido de dor e o som molhado de uma faca que atravessava as vísceras de alguém. Senti aquele cheiro metálico mais uma vez e finalmente pude ver os desenhos no rosto e as penas cinzas serem lavados pelo sangue que escorria. *Papai!* Era ele ali pendurado. Eu mesma tapei a minha boca para não gritar. Com a respiração acelerada, senti meu sangue pulsar nas orelhas. O cântico antigo ficou mais alto e o velho soldado imperial se regozijava com o corpo que estremecia. Ele acertava mais e mais golpes. O sangue escorria pelo chão, pelas pedras e entrava nas fissuras da terra. Eu precisava voltar para a mata.

Comecei a voltar de costas, lentamente. Sem lágrimas. As folhas se mexeram, alguns pássaros

voaram, parecia que estavam agradecendo a oferta. Eles não podiam me ver. Quando eu toquei o chão para me virar, senti que peguei algo. Parecia que o terço do papai. Não tinha certeza, mas guardei mesmo assim. Chegando na mata novamente, em algum outro ponto, ainda tentando manter a calma, com a mão na boca, virei-me para as árvores e só havia escuridão. *Preciso correr.*

Corri! Corri muito. Entre os galhos, tropeçava, sentia os machucados, mas corria. Tinha a sensação de que algo voava atrás de mim, chegava próximo, podia sentir seu hálito, mas eu ganhei distância. Cai muitas vezes e o tempo novamente perdeu o sentido. *São minutos, são dias, são meses.* Estava encharcada de suor, nada de lágrimas. Não iria morrer naquele inferno, tinha certeza disso. Logo em frente, vi a claridade. Era dia. *Vou conseguir!* Cai mais uma vez. O tempo voltou.

Eu estava próxima a estrada, as árvores haviam ficado para trás, o meu predador tinha recuado como se estivesse preso em uma outra temporalidade. A terra vermelha grudava no meu corpo e os raios de sol me cegavam. Ainda tinha vento, mas as nuvens se foram. Igual ao papai, a mamãe e quem sabe o padre Antônio. Maria também. Sua casca estava morta, sepultada no coração da Mata dos Espíritos. Nesse momento me lembrei o que meu pai me disse naquela floresta

longínqua — “venha com o pai, Aracy”. Que surpresa, era um presente do papai. Levei a mão ao meu bolso e reconheci seu terço, que veio lá da terra dos padres. Eu tinha seu terço, mas não era mais Maria. Sim, a partir desse momento, era simplesmente: Aracy.

Alguns anos se passaram, nunca mais tinha voltado para a mata, nunca mais tinha ido à minha velha casa. Fui crescendo pela Aldeia dos Anjos, pelo quilombo do Seu Maneca, dormia com os Carijós. Sempre próxima ao rio. Até dava alguns passos entre as árvores do banhado para aprender arco e flecha com meus irmãos Carijós, mas evitava sempre aquelas árvores que chiavam. Nunca mais tinha ido ao aldeamento dos meus irmãos ao pé do morro. Fui levando a vida, ganhando alguns réis que o Capitão André me pagava para caçar os forasteiros que vinham incomodar os fazendeiros da região. Quando me convidavam para ir ao norte, não ia. Até negava algumas moedas se precisasse subir próximo ao morro. Soube que o padre Antônio desapareceu enquanto eu era pequena, nunca mais foi visto. Às vezes eu pensava se, naquele dia que ele saiu de casa, ele tinha ido atrás do papai. Nunca vou saber.

* * *

Agora a velha cruz missioneira está caída. O mato tomou conta de tudo. Tem até o banquinho

que eu usava para tirar leite da cabra. Minha velha casa está abandonada. É bom acender o fogo. O dia está frio igual aqueles dias, com as mesmas nuvens. Só não uso mais o poncho, uso roupas de couro para me proteger junto com o terço do papai pendurado no meu pescoço. Estou de volta ao túmulo da mamãe, ainda tem parte do crânio e dos ossos dela na cama, repousando.

Ali no meio do casebre, pendurado por uma corda que passa pela madeira do teto, de mãos atadas, um velho com trajes imperiais ainda sujos. Parte dele ainda vive, mas grande parte já está morta. Claro que se mexe e xinga de todos os nomes levianos que ele ainda lembra, com a voz abafada atrás da máscara prateada que reflete as chamas do fogão. Não tenho pressa, tenho todo o tempo enquanto aqueço a adaga no fogo.



<https://asagadegravatahy.com.br>

Tudo 100% gratuito distribuído no site.

Sigam no Instagram

@quintaldecriativos

@pytangaestudio

@dr.jrbitt



9 786598 772925